

CAMINHOS E SEGREDOS DA RADIÔNICA

APRESENTAÇÃO DE UMA HIPÓTESE QUÂNTICA PARA O
FENÔMENO RADIÔNICO

Angelus Dapaz
** 2012 **

Angelus Dapaz

Caminhos e Segredos da Radiônica

**APRESENTAÇÃO DE UMA HIPÓTESE QUÂNTICA PARA O
FENÔMENO RADIÔNICO**



O livro **Caminhos e Segredos da Radiônica** de autoria de [Angelus Dapaz](#) foi licenciado sob uma Licença [Creative Commons - Atribuição - NãoComercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Não Adaptada](#).

Trabalho disponível em www.radiestesiaecia.com.

A Mel e a Esperança, aos meus filhos e a Rosilene,

Esse trabalho traz à tona a discussão de um tema de natureza imaterial – a radiônica. O resgate desse conhecimento, seu estudo e prática podem contribuir com o processo evolutivo do homem. Então, que esse livro seja visto como um instrumento apresentador de “*realidades imateriais perturbadoras*”, mas irrefutáveis se levarmos em conta os inúmeros relatos que as comprovam.

Angelus Dapaz

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	5
A RADIAÇÃO DOS ALIMENTOS E A RADIESTESIA.....	9
A RADIÔNICA E OS FLORAIS DE BACH.....	12
SEGREDOS DOS FLORAIS DE BACH.....	16
A DESCOBERTA DA HOMEOPATIA.....	20
PREPARAÇÃO DOS MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS.....	23
DESVENDANDO OS SEGREDOS DA RADIÔNICA.....	27
A RADIAÇÃO MITOGENÉTICA E A RADIÔNICA.....	32
AS “REAÇÕES ELETRÔNICAS” DAS DOENÇAS.....	35
AS REAÇÕES ELETRÔNICAS DAS DOENÇAS E SEUS DIAGNÓSTICOS.....	39
REFLEXOPHONE E OS DIAGNÓSTICOS A PARTIR DE UMA GOTA DE SANGUE.....	47
UMA MÁQUINA PARA TRATAR DA SAÚDE DE NOME OSCILLOCLAST.....	51
AS VIBRAÇÕES DAS DOENÇAS E A RADIÔNICA.....	56
TRATAMENTO RADIÔNICO DE PLANTAÇÕES E AS PATENTES DE MÁQUINAS RADIÔNICAS....	60
OUTRAS PATENTES DE MÁQUINAS RADIÔNICAS.....	65
PREPARANDO O CAMINHO PARA ENTENDIMENTO DOS PROCESSOS RADIÔNICO E RADIESTÉSICO.....	71
O CAMPO DE ENERGIA OSCILANTE E A MATÉRIA - UMA CONTRIBUIÇÃO PARA RADIÔNICA DO FÍSICO LAÉRCIO FONSECA.....	77
A INTERAÇÃO DA MATÉRIA E OS EVENTOS QUÂNTICOS CORRELACIONADOS.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que é Radiônica? Arte, ciência ou magia?



Um número considerável das publicações que tratam da temática “radiônica”, para melhor explicá-la e conduzir seus leitores nos meandros do assunto, iniciam seus textos apresentando fatos históricos gerais. Não será feito diferente nas linhas que seguem! Apenas, se for possível, essa condução será voltada para as questões que envolvam as vibrações energéticas no contexto da saúde.

O que é radiônica?

A definição mais sintética que se ouviu sobre a radiônica é que **“Se a radiestesia é a percepção de vibrações a radiônica é a transmissão delas”**.

Tentando transformar essa definição em algo mais abrangente e, ainda assim, simplificando ao máximo, em *Radiestesia Além do Pêndulo*, foi dito que a *radiestesia* é um “sentido” inerente aos seres humanos que permite perceber as influências de quaisquer energias e corpos, sejam eles animados ou inanimados. Então, com simplificação semelhante, **a radiônica seria a capacidade inerente aos seres humanos de transmitir e interpretar as vibrações ou influências, como queiram, usando “equipamentos” desenvolvidos para esse fim.**

Atualmente é de domínio público que os “equipamentos” eletroeletrônicos, mecânicos e afins, desenvolvidos para a prática da radiônica podem ser substituídos por simples esquemas desenhados em uma folha de papel. Além disso, suas funcionalidades dependem do “poder mental” de seus construtores e/ou operadores.

Oportunamente, essa definição será mais bem ajustada, mesmo que isso aumente a polêmica em torno do tema. A essa altura não se pode deixar de observar, nesse contexto, o fato da ciência ter comprovado que as partículas subatômicas que circundam o núcleo atômico – os elétrons – podem se comportar como matéria ou como ondas. Diante disso, considerando-se que esse comportamento do elétron tem em conta o observador, tudo leva a crer que o homem é parte

integrante de uma “*rede dinâmica de sistemas energéticos*”. Então, ele pode interferir em tudo que o cerca.

Resumindo, tudo depende do “*observador*” ou, mais precisamente, de **sua... (?)**. Essa explicação será dada um pouco adiante, depois que nossos leitores estiverem mais adaptados aos preâmbulos da radiônica.

Afinal, a radiônica é arte, ciência ou magia?

Nesse ponto, iniciam-se os textos evidenciando que a radiônica pode não ser exatamente uma ciência nos moldes tradicionais. Mas nunca será magia! Pelo menos não dentro de sua definição mais conhecida pelo público em geral, que associa a magia a encantamentos, feitiçarias e outras deturpações da consciência humana. Alguns, até poderiam dizer que se trata de magia branca! Mas para isso, a radiônica teria que estar em consonância com a “*vontade espiritual*”, ou seja, sendo usada exclusivamente para o “*serviço altruista*”. Na prática, não é assim que acontece! Em especial se levarmos em conta, por exemplo, que a radiônica poder ser usada como pesticida para dizimar insetos em lavouras, etc. Assim dito, tudo leva a crer que a radiônica guarde estreito relacionamento com alguns aspectos da arte, considerando que ela reflete uma qualidade e criatividade superior de seus praticantes, ao menos no nível mental.

Destaca-se que todas as práticas humanas, sejam elas quais forem, quando realizadas sem consonância com a “*vontade superior*”, podem trazer sérios prejuízos aos seus praticantes.

Paracelso e suas crenças



Paracelso (1493 – 1541) foi um destacado médico, físico, alquimista e astrólogo suíço. Sua inquietude e anseio por novos conhecimentos fizeram dele um dos mais polêmicos homens da era renascentista. Seus feitos foram muitos, mas para o enredo desse conteúdo, o que interessa é o fato dele acreditar que os males do corpo eram provocados por “*estados de espírito perturbadores*”

e não por causas físicas. Sua crença era de que as doenças tem sua origem na natureza invisível do homem, ou seja, em um contexto imaterial.

Para os envolvidos com práticas energéticas, como é o caso dos radiestesistas, radionicistas e afins, a mais interessante das crenças de Paracelso era a sua convicção quanto às **radiações de todas as coisas vivas**. Nesse sentido, fortalecendo sua ideia de que o magnetismo do homem vinha dos astros, procurou separar em seus livros várias seções para apresentar explicações sobre o uso de talismãs astrológicos visando à cura de doenças e, ainda, desenvolveu amuletos ou imãs - objetos com características magnéticas para tratar de várias enfermidades.

Paracelso era um mago ou um homem com ideias além de seu tempo?

Bovis e a mumificação da carne



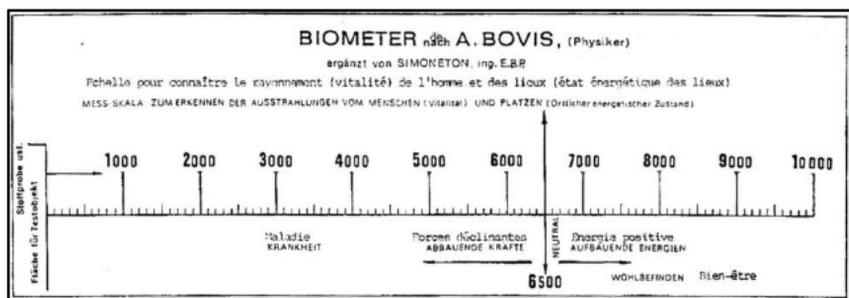
Com inquietude semelhante à de Paracelso e trezentos anos depois, sem considerar outros ilustres cientistas e pesquisadores do período, o radiestesista francês [Antoine Bovis](#) (1871–1947), um franzino homem de sete instrumentos, não se contentou apenas em desvendar alguns dos muitos mistérios que envolvem a construção da Pirâmide de Quéops. Ele, dentre outras coisas, deu os primeiros passos para detalhar o processo de desidratação e mumificação da carne, além de pequenos animais no interior de uma pirâmide, como dito em sua publicação "[Método Nice de radiestesia...](#)".

Parece muito?

Bovis foi mais longe! Contribuiu para salvar a vida do engenheiro **André Simoneton** que, por sua vez, foi um dos inspiradores das ideias do **Dr. Albert Abrams** - homem que lançou as bases de uma das técnicas energéticas mais polêmica iniciadas no século passado, a **RADIÔNICA**.

A régua biométrica de Bovis

Ainda falando de Bovis, não se pode deixar de dizer que ele, também, desenvolveu um sistema com o qual se faz possível avaliar radiestésicamente a radiação e o frescor de diferentes alimentos, tudo com ajuda de um pêndulo e um “*biômetro*”, esse último uma simples régua com escala graduada em Angströms ou decimilimícrons, atualmente conhecida como régua biométrica, conforme mostrado na figura a seguir.



Para que se possa mensurar a vitalidade ou radiação de um alimento, basta que se coloque um pedaço de legume, fruta, etc., na extremidade esquerda de um “*biômetro*”. Assim feito, um pêndulo deve ser lançado verticalmente no centro da régua e, inicialmente, sua oscilação se dará a esquerda ou à direita, mas sempre no sentido da vitalidade, até que ela se torne novamente vertical, ou melhor, transversal à régua no ponto onde está indicado o grau de vitalidade do alimento.

As avaliações feitas com um “*biômetro*” parecem guardar similaridade com um conhecido princípio radiestésico, que sugere:

“... dois objetos indeterminados de mesmo tamanho e material, quando colocados distando cerca de um metro um do outro criam dois campos de influência que se repelem em um ponto de encontro facilmente detectado radiestésicamente”. Sabe-se, ainda, que quanto maior é um objeto maior o seu campo de influência e vice-versa.

A radiação dos alimentos e a radiestesia

Simoneton e a radiação dos alimentos



Como visto anteriormente em “*O que é Radiônica?...*”, mas especificamente no título “*Bovis e a mumificação da carne*”, a descoberta de Bovis se propunha a conspirar em favor da vida do engenheiro **André Simoneton**.

É que durante a Primeira Guerra Mundial, depois de ter sofrido cinco intervenções cirúrgicas, quando se via deitado em uma maca de um vagão-hospital, ouviu dois médicos militares comentarem que suas chances de sobrevivência eram nulas, porque tinha sido acometido de uma tuberculose fulminante. Naquela época e lugar, por ainda não haver drogas que pudessem curar a tuberculose, o tratamento padrão consistia na aplicação de uma dieta reforçada aos seus portadores, o que afetou gravemente o fígado e trouxe vários efeitos colaterais à saúde de Simoneton.

Convivendo com esse triste quadro, mas consciente de que sua vida dependia exclusivamente de seus esforços, Simoneton tomou conhecimento do sistema radiestésico de Bovis para avaliação da radiação dos alimentos. Então, usando um pêndulo e se fazendo de cobaia, tratou de aperfeiçoar a técnica a tal ponto que conseguiu curar sua tuberculose e restaurar a saúde. Como resultado desse esforço, Simoneton se fez um homem vigoroso que pôde ser pai aos 66 e 68 anos.

Esse grande feito só foi possível, porque Simoneton quando convocado para servir o exercito francês, já se destacava como engenheiro e detinha um grande conhecimento de engenharia elétrica e rádio. Além disso, havia trabalhado com “*expoentes da época*”, como o físico **Louis de Broglie**, fatos que o impediram de rotular Bovis como um charlatão e o estimularam a prosseguir os estudos que salvaram sua vida.



A título de esclarecimento, o físico **Louis de Broglie** (1892-1987), 7º duque de Broglie, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, ofereceu seus serviços ao exercito francês para o desenvolvimento da rádio comunicação. Em 1924 apresentou ao Mundo sua tese de

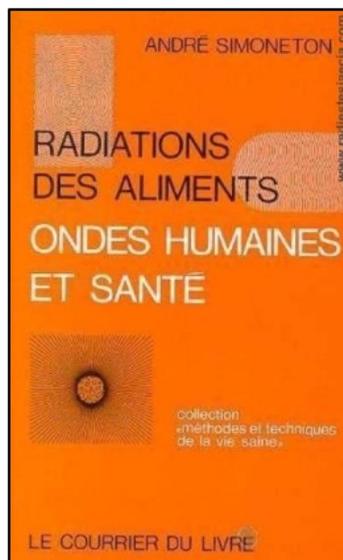
doutorado com o título “*Recherches sur la théorie des quanta*” (*Investigação sobre a Teoria do Quanta*). Em sua tese, Broglie introduz a teoria de ondas de elétrons, que inclui a teoria da dualidade onda-partícula, baseada na teoria dos quanta proposta por Max Planck e Albert Einstein. Este trabalho abriu uma nova área na física, a **mecânica ondulatória**, que **constitui uma das principais bases da mecânica quântica**. Em resumo esse proeminente físico estabeleceu que cada partícula, seja até um fóton de luz, se associa a um comprimento de onda específico e, por conta disso, em 1929 ganhou o Prêmio Nobel de Física.

Enfim, tudo, absolutamente tudo, vibra! Têm uma frequência vibratória.

O livro de Simoneton – Radiação dos Alimentos

Os estudos de Simoneton culminaram na publicação do livro “*As radiações dos alimentos*” (*Radiations Des Aliments - Ondes Humaines Et Sante*), cujo prefácio de Louis Kervran responde aos que se opõem a escolha do Angström como unidade de medida para a vitalidade que irradiam os alimentos. Kervran diz que essa medida não é mais arbitrária do que as calorias usadas em nutrição, considerando que uma caloria é a quantidade de calor exigida para se elevar em 1 grau Celsius a temperatura de 1 grama de água. Nessa direção, lembra que todos os sistemas de medidas são convencionais e que **os Angströms de Bovis servem para distinguir radiestésicamente o valor entre queijos fermentados que giram em torno de 1.500 Angströms e o azeite de oliva que vai até 8.500 Angströms**. Por fim, diz Kervran que os comprimentos de ondas dos alimentos e etc., são de natureza desconhecida e tudo indica que não fazem parte do espectro eletromagnético.

Em seu livro Simoneton classificou os alimentos em quatro grandes grupos, a saber:



1. - **PRIMEIRA CATEGORIA** - alimentos com radiação próxima de 10.000 Angströms ou superior a vitalidade básica dos seres humanos que gira em torno de 6.500 Angströms, ou seja, as frutas maduras, as verduras e legumes recém-colhidos, peixes de água salgada e frescos, mexilhões, ostras, caranguejos, etc.;
2. - **SEGUNDA CATEGORIA** - alimentos com radiação entre 3.000 e 6.500 Angströms, destacando-se açúcar de cana, ovos, vegetais e peixes cozidos, óleo de amendoim, vinho, etc.;
3. - **TERCEIRA CATEGORIA** – alimentos com baixa radiação que não trazem benefícios à saúde, como é o caso das salsichas e demais frios, carnes cozidas, café, chocolate, chá, geleias, queijos fermentados e pão francês, etc.;
4. - **QUARTA CATEGORIA** – alimentos considerados “mortos”, como é o caso das conservas, licores e bebidas alcoólicas, margarinas, açúcar refinado e farinha de trigo alvejada, etc.

Simoneton avaliou a vitalidade dos seres humanos e constatou que uma pessoa com saúde emite radiestésicamente radiações em torno de 6.500 Angströms, o que não acontece com os subnutridos, alcoólatras e fumantes. Tal como Bovis, Simoneton, foi partidário da tese de que ***a saúde só pode ser obtida ingerindo-se alimentos cuja radiação seja superior a nossa própria, algo superior a 6.500 Angströms.*** Dessa forma, a troca energética se dá do alimento para o ser humano, aumentando a sua vitalidade, o que não acontece quando o alimento apresenta uma vitalidade inferior a 6.500 Angströms. A lógica desse entendimento está no fato de que o ser humano, para desenvolver suas atividades diárias, consome energia e essa só pode ser repostada com a ingestão de alimentos com valor energético superior ao de sua vitalidade normal, ou seja, 6.500 Angströms. Nesse contexto, considerando-se o aparecimento de novas doenças típicas do mundo industrializado, há de se dizer o que dizem alguns ocultistas vegetarianos: “o homem é essencialmente aquilo que come”.

Sobre os achados de Bovis e Simoneton

Os graus ou índices de vitalidade dos alimentos, objetos, etc., descobertos por Bovis e Simoneton, nem sempre coincidem com os encontrados por outros

eminentes radiestesistas, mesmo que adotem os mesmos procedimentos de seus antecessores. Parece que o organismo de cada um de nós, por ter um padrão vibratório que lhe é único interage com o alimento avaliado e, assim, interfere nos resultados. Isso não invalida esse sistema, porque a vitalidade apontada por qualquer outro radiestesista para um “*legume fresco*”, por exemplo, sempre será maior do que a de um “*legume cozido*”.

A dor pela perda da saúde e a recuperação dela em consequência das experiências relatadas, fizeram com que Simoneton acalentasse um sonho. Ele se vê diante da cena de um médico com fones de ouvido, tal como fazem os operadores de rádio, descobrindo a doença de seus pacientes pela ressonância sonora das frequências dos males que os afetam. Seguindo esse princípio, ele imagina os mesmos médicos transmitindo aos seus pacientes as frequências que podem corrigir seus males.

Seria a radioterapia, usada hoje para o tratamento de tumores cancerígenos, etc., uma pequena amostra do que sonhava Simoneton?

Que semelhança tem esse sonho com a técnica desenvolvida pelo médico que lançou as bases da RADIÔNICA, o Dr. Albert Abrams?

A radiônica e os Florais de Bach



Desde o início do século XX que tudo conspirava para que a [radiônica](#) pudesse se desenvolver como uma técnica para transmitir e interpretar influências energéticas, usando-se “*equipamentos*” eletroeletrônicos, mecânicos e outros. Nesse contexto, os medicamentos vibracionais assumiram um importante papel, porque sempre estiveram afinados com os princípios radiônicos e com as [práticas radiestésicas](#), como é o caso dos remédios usados nas “*terapias florais*”, tratamentos homeopáticos, etc. Assim é dito, principalmente, considerando-se as transmissões radiônicas para revitalização da saúde que atuam no corpo etérico – molde holográfico de energia que contem os dados estruturais relativos à morfologia e as

funções do organismo.

Nesse cenário e por volta da década de 30, na mesma trajetória do engenheiro André Simoneton e seu livro *“As radiações dos alimentos”*, destacava-se na pesquisa e desenvolvimento de medicamentos vibracionais, o médico **Edward Bach** (1886-1936) – *“um seguidor moderno de Paracelso”*.

O princípio curativo dos florais de Bach

Bach, sintonizado com a linha de raciocínio de Simoneton, se deu conta que plantas com altos padrões vibracionais podiam ajudar pessoas que tivessem suas vibrações em declínio. Essa ideia se evidencia em sua frase *“os remédios herbáceos tem o poder de elevar nossas vibrações e assim ativar o poder espiritual que purifica a mente e o corpo, curando-nos”*. Bach não queria combater a doença, mas inundar o corpo de *“vibrações elevadas e positivas”* encontradas nas ervas e flores silvestres. Sua lógica parecia querer elevar as vibrações do corpo, de tal forma que elas não pudessem ressoar com as doenças, ou melhor, não sintonizar com elas.

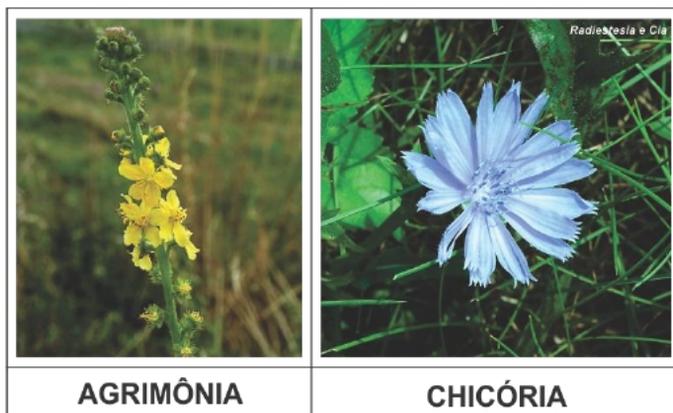
“As doenças não existem! O que existem são pessoas doentes”.

Era assim que Bach sustentava sua tese de que era o próprio doente quem deveria mudar seu estado de espírito com relação à doença. Dizia que as *“vibrações estéticas saudáveis”* serviam apenas para estimulá-los a se sentir bem. Acreditava que a vitalidade de uma pessoa poderia ficar fragilizada pela preocupação e pelo medo, contribuindo para o enfraquecimento da resistência natural do corpo humano.

O surgimento dos florais de Bach

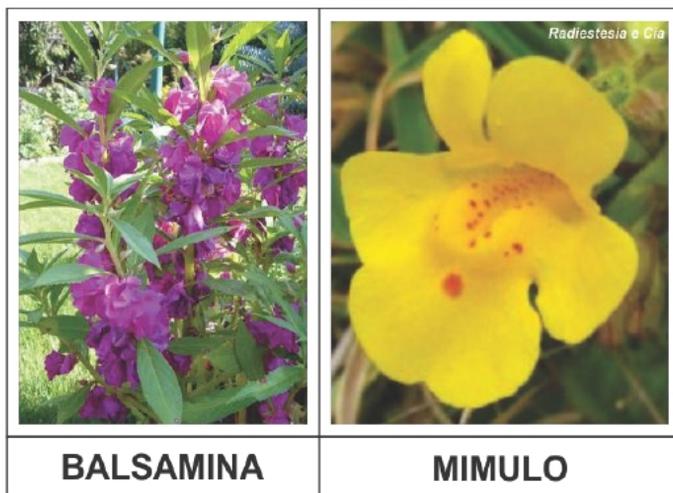
Buscando alternativas para os tratamentos médicos da época, Bach abandonou seu consultório na Harley Street, em Londres, para enveredar pelas matas e campos a procura de plantas que pudessem produzir os melhores remédios para humanos. Foi então que encontrou sua primeira planta conhecida pelo nome agrimônia (*Agrimonia eupatoria*), da família das herbáceas, que crescia a beira das estradas e campos de toda a Inglaterra. Bach, depois de fazer uma infusão com as flores amarelas colhidas de uma espiga da Agrimonia, descobriu um importante

remédio para tratar da preocupação e o estado de espírito atormentado – uma condição que geralmente se oculta por baixo de uma aparência jovial.



Assim, revelando-se um verdadeiro “*magos das ervas*”, encontrou nas lindas flores azuis da chicória (*Chicorium intybus*) as características energéticas ou os princípios ativos de um grande medicamento tranquilizante.

No País de Gales, encantado com a beleza da balsamina (*Impatiens glandulifera*) cor de malva e do mímulo (*Mimulus guttatus*) de flores amarelas, via seus sentidos se desenvolverem ao ponto de sentir as vibrações e as qualidades de uma planta apenas pelo tato. Sua afinidade com Paracelso ficava evidente, quando de forma semelhante ao seu inspirador, colocava uma planta na palma da mão ou na ponta da língua para perceber em seu próprio corpo suas propriedades. Dessa forma, algumas o faziam vomitar, ter erupções cutâneas, sentir febre e dores; outras eram revigorantes tanto para o corpo como para mente. Bach sabia que as melhores plantas para seus propósitos, eram aquelas cuja floração ocorria quando os dias eram mais longos e o sol estava no ápice de sua força.



Técnica para extração dos florais de Bach

O desenvolvimento da técnica para extrair os princípios curativos das flores se deu por acaso! Quando Bach passeava pelo campo em uma manhã onde o orvalho era visto sobre todas as plantas, teve a intuição de que aquelas gotículas de água deviam conter parte das propriedades da planta em que descansavam e para extraí-las, o calor do sol poderia ser usado. Com isso em mente, expôs por várias horas a luz solar um recipiente de vidro contendo água pura e o ramallete de uma determinada planta. Dessa forma, pode constatar que a água absorvera as vibrações da planta agregando-lhe seus valores vibracionais. A partir daí, passou a se dirigir ao local onde as plantas cresciam e, usando três recipientes de vidro com água pura, depois de escolher as melhores flores, as colocava sobre água. Antes de transferir essa água para encher seus pequenos frascos até o meio, retirava as flores dos recipientes usando folhas de grama, evitando tocá-las para não contaminá-las com suas vibrações pessoais. Assim feito, para conservar seus preparados completava seus vidrinhos com conhaque. A cada coleta novos utensílios eram necessários, porque destruía todos os usados em procedimentos anteriores.

Edward Bach também escreveu um livreto filosófico para acompanhar os 38 remédios que desenvolveu, em sua breve permanência entre nós.

Segredos dos florais de Bach



A “*Técnica para extração dos florais de Bach*” deixou importantes ensinamentos para os envolvidos com procedimentos fitoterápicos e guarda estreito relacionamento com “*... os achados de Bovis e Simoneton*”. Note-se, nesse cenário, em se tratando da saúde, que quanto mais sutil é o sintoma ou a queixa, mas sutil, nobre e delicada será a parte da planta utilizada para produção do medicamento. Veja-se que Bach poderia ter extraído o princípio ativo de suas flores apenas por “*infusão*”, ou seja, despejando-se sobre elas água aquecida, tapando o recipiente e deixando repousar o preparado por 5 a 10 minutos. Se assim fosse feito, pelo menos em tese, o medicamento não ganharia a contribuição adicional direta do fluxo energético proveniente da radiação solar - o verdadeiro sustentáculo energético da vida na Terra.

Além disso, como é de domínio público, há de se destacar que o calor destrói boa parte das propriedades dos vegetais, sugerindo que quanto menos “*calor artificial*” recebe um vegetal, mas preservadas e elevadas ficam suas características vibracionais, como mostrou Simoneton no título “*categorias dos alimentos*”, em seu livro “*Radiação dos Alimentos*”. Em síntese, os florais em sua totalidade, parecem conter os padrões energéticos que vão de encontro às terapias vibracionais que envolvem a radiestesia e a radiônica, porque esses padrões têm suas vibrações superiores as do corpo físico e, certamente, mais próximas do que conhecemos como corpo etérico. Reiterando-se aqui o entendimento de que “*corpo etérico é o molde holográfico de energia que contem os dados estruturais relativos à anatomia e as funções do organismo*”.

Para melhor encaminhar as análises radiestésicas e radiônicas, salvo melhor juízo, deve-se ter em conta que boa parte dos terapeutas florais compartilha da ideia de que “*as queixas de seus pacientes são consequências diretas de estados desarmônicos mentais, emocionais e/ou espirituais*”. Isso fica evidente nos **38 medicamentos vibracionais desenvolvidos por Edward Bach**, cuja descrição sumária identifica em todos eles uma desarmonia no estado mental, como mostra o quadro a seguir.

FLORAIS DE BACH		
FLORAL		DESCRIÇÃO
AGRIMONY	<i>Agrimonia eupatoria</i>	Ansiedade e dor emocional, ocultas por uma aparência jovial e radiante. Comportamento viciante, tendendo ao uso de álcool ou outras drogas para atenuar sentimentos.
ASPEN	<i>Populus tremula</i>	Medos de origem desconhecida, como por exemplo: medo do escuro, morte, etc. Ansiedade vaga e apreensão; presságios.
BEECH	<i>Fagus sylvatica</i>	Intolerante, crítico; perfeccionista em relação aos outros; sensibilidade aumentada com relação ao ambiente.
CENTAURY	<i>Centaurium umbellatum</i>	Subserviente, tímido, facilmente influenciado pela opinião de terceiros; esgotamento por esforço em agradar.
CERATO	<i>Ceratostigma willmottiana</i>	Autoconfiança comprometida; busca conselhos e confirmação nos outros; sugestionável; dúvida de si mesmo; tende a imitação.
CHERRY PLUM	<i>Prunus cerasifera</i>	Medo de perder o controle e a razão, de enlouquecer; colapso nervoso, impulsos destrutivos, desespero.
CHESTNUT BUD	<i>Aesculus hippocastanum</i>	Incapacidade de aprender com experiências passadas; repetição compulsiva de equívocos; dificuldade no desenvolvimento escolar.
CHICORY	<i>Chicorium intybus</i>	Carência afetiva, egoísmo, possessivo e superprotetor; tendência à chantagem emocional; irritável quando contrariado; autocentrado.
CLEMATIS	<i>Clematis vitalba</i>	Sonhador, visionário, solitário, desatento, sem interesse no presente; falta de atenção, esquecimento, sonolência.

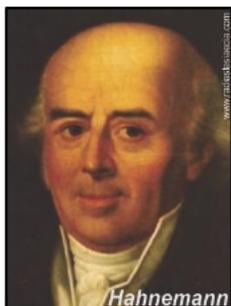
CRAB APPLE	<i>Malus pumila</i>	Sensação de impureza, baixa autoestima, vergonha da condição física; obsessão por detalhes.
ELM	<i>Ulmus procera</i>	Peso das responsabilidades; sobrecarregados; desânimo por exaustão.
GENTIAN	<i>Gentiana amarella</i>	Desânimo, pessimismo; desinteresse e depressão quando há dificuldade de causa conhecida; dúvida e falta de fé.
GORSE	<i>Ulex europaeus</i>	Desesperança, desespero, depressão; falta de fé, pessimismo; dor e sofrimento que deve ser “aceitos”.
HEATHER	<i>Calluna vulgaris</i>	Egocentrismo; obcecado por doenças; detesta solidão, mostra excessiva preocupação e busca falar de assuntos de seu exclusivo interesse; não sabe ouvir.
HOLLY	<i>Ilex aquifolium</i>	Sem amor, raiva, ciúme, inveja, agressividade, ganância; sofre sem causa.
HONEYSUCKLE	<i>Lonicera caprifolium</i>	Apego ao passado, sem interesse pelo presente, nostalgia, saudade; pessoas solitárias, para os que amargam decisões do passado.
HORNBEAM	<i>Carpinus betulus</i>	Cansaço; fadiga mental e física; sem ânimo para suportar o cotidiano.
IMPATIENS	<i>Impatiens glandulifera</i>	Impaciência, nervosismo; tensão mental; apressado.
LARCH	<i>Larix decidua</i>	Complexo de inferioridade; convencido do fracasso; baixa autoestima e autoconfiança.
MIMULUS	<i>Mimulus guttatus</i>	Temores e medos por coisas conhecidas como, por exemplo, das doenças, morte, acidentes, etc.; timidez, rubor; acanhamento.
MUSTARD	<i>Sinapsis arvensis</i>	Tristeza profunda; melancolia, grande desânimo que desaparecem sem razão aparente.

OLIVE	<i>Olea europaea</i>	Esgotamento total, mental ou físico; exaustão.
OAK	<i>Quercus robur</i>	Lutador incansável; força de vontade sem limites que prejudica a saúde e esconde o cansaço.
PINE	<i>Pinus sylvestris</i>	Culpa; não se realiza com seus feitos; recrimina-se.
RED CHESTNUT	<i>Aesculus carnea</i>	Preocupação excessiva e medo pelos outros.
ROCK ROSE	<i>Helianthemum mummularium</i>	Pânico, terror susto, medo; emergências graves com risco de vida.
ROCK WATER	<i>Água de fonte</i>	Perfeccionistas, auto repressão; negação dos sentimentos e dos prazeres da vida; rigidez física e mental.
SCLERANTHUS	<i>Scleranthus annuus</i>	Incerteza, indecisão, falta de estabilidade e equilíbrio; estados de ânimo extremos (alegria e tristeza, energia e apatia, etc.).
STAR OF BETHLEHEM	<i>Ornithogalum umbellatum</i>	Traumas, choque físico ou mental e suas conseqüências; situações adversas tais como acidente, notícia ruim, perda de entes queridos, etc.
SWEET CHESTNUT	<i>Castanea sativa</i>	Angústia e desespero extremos; desolação total; nada mais resta na vida, nem esperança, nem fé.
VERVAIN	<i>Verbena officinalis</i>	Tensão, fanatismo, sensibilidade a injustiças, tenso e sem conexão física; faz tudo ao mesmo tempo e encontra dificuldade para relaxar.
VINE	<i>Vitis vinifera</i>	Dominador, tirânico, inflexível, ambicioso e determinado; busca poder e domínio.
WALNUT	<i>Juglans regia</i>	Extrema sensibilidade a influencias de outros; indicado para ocasiões de mudança e para romper ligações e hábitos.
WATER VIOLET	<i>Hottonia palustris</i>	Orgulhoso, indiferente; desprezo pelas relações sociais; prefere ficar sozinho; não interfere nos assuntos dos outros e não gosta que interfiram nos seus.

WHITE CHESTNUT	<i>Aesculus hippocastanum</i>	Pensamentos indesejáveis, persistentes e repetitivos; falta de concentração; discussões mentais; confusão mental; insônia.
WILD OAT	<i>Bromus ramosus</i>	Confusão e indecisão sobre os rumos da vida; ambicioso, insatisfação crônica quanto ao trabalho.
WILD ROSE	<i>Rosa canina</i>	Resignação e apatia; desistência da vida; falta coragem para mudar; sempre cansado; sem vitalidade.
WILLOW	<i>Salix vitelina</i>	Ressentimento e amargura; vítima da vida; injustiçado, invejoso, inflexível.
RESCUE REMEDY	Composto de Star of Bethlehem, Rock Rose, Cherry Plum, Clematis e Impatiens.	<ul style="list-style-type: none"> - Primeiros socorros, emergências e stress. - Ajuda a encarar os problemas de forma mais serena. - Situação de tensão ou quando pressionado, atormentado ou em pânico. Externamente em forma de creme para queimadura, picada de inseto, massagem, ferimentos e espinhas.

Também, contribuem para as práticas radiestésicas e radiônicas destinadas à revitalização da saúde outros medicamentos florais, como é o caso daqueles propostos nos sistemas florais de Minas, Filhas de Gaia, Californiano, Austrália etc.

A descoberta da homeopatia



Em “A radiônica e os Florais de Bach” foi dito que os medicamentos vibracionais sempre estiveram afinados com os [princípios radiônicos](#) e com as [práticas radiestésicas](#). Esses são os casos dos remédios usados nas “terapias florais”, tratamentos homeopáticos, etc.

Considerando-se à importância dos medicamentos homeopáticos no contexto das terapias vibracionais, será mostrado a seguir um pouco da história daquele que foi seu descobridor, **Christian Samuel Hahnemann (1755 – 1843)**.

Hahnemann, filho de um simples pintor de porcelana, nasceu em Meissen, na Saxônia, Alemanha, no ano de 1755 e desde muito cedo começou a se destacar no segmento literário. Aos 20 anos, em Leipzig, iniciou seus estudos médicos e para sustentá-los se viu obrigado a traduzir para o idioma alemão livros ingleses, franceses e italianos, o que confirma um de seus títulos - o de linguista. Além de linguista, Hahnemann, segundo vários relatos, destacou-se como tradutor de obras de medicina e, ainda, como químico e autor de um abrangente glossário da farmacopeia.

Aos 24 anos, precisamente no ano de 1779, formou-se em medicina pela Universidade de Erlangen defendendo a tese de nome *“Etiologia e terapêutica das afecções espasmódicas”* – sua primeira obra.

Entre os anos de 1793 e 1799 desenvolveu o *“Dicionário Farmacêutico”*, uma obra composta de diversos volumes que se transformaram na principal referência alemã sobre o assunto. Também, nesse período, colaborou assiduamente para o *“Jornal de Hufeland”*, considerado a mais importante revista médica de seu País.

O princípio fundamental da homeopatia e sua descoberta

Hahnemann, homem intelectualmente privilegiado, um gênio excêntrico, não se conformava com o fato de não encontrar um princípio qualquer que pudesse ajudá-lo na prescrição de remédios. Ele queria tratar melhor os males de seus pacientes! Motivado por essa ânsia, dessa angústia interior, se empenhava por achar algo que servisse de base para o tratamento das moléstias. Foi assim que descobriu a lógica onde repousaria toda a terapêutica homeopática, resumida no princípio que segue:

“A substância que causa num corpo sadio os sintomas de uma doença é capaz de curá-la”.

Como se deu verdadeiramente a descoberta desse princípio; será para nós sempre um mistério, porque as histórias que dão conta desse grande feito só tem em comum o uso da casca da “quina”, conforme relatam os autores que seguem:

- **Peter Tompkins e Christopher Bird** dizem em seu livro *“A vida Secreta das Plantas”* que a descoberta original do princípio homeopático, foi feita por acaso quando a mulher do vice-rei espanhol do Peru, a Condessa de Cinchon, se viu curada da malária ingerindo uma infusão de cascas de uma árvore local que lhe causava sintomas idênticos aos da doença, a *“casca de cinchon”* - planta conhecida como *“quina”* da família da Rubiaceae;

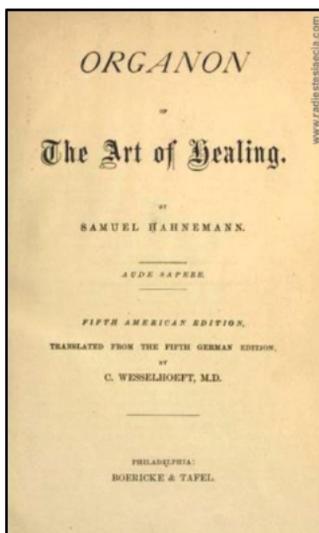
- **Nilo Cairo** em seu livro *“Guia de Medicina Homeopática”* diz que em 1790, quando Hahnemann traduzia a Matéria Médica de *“CULLEN”*, não se satisfaz com a explicação do escritor escocês para a ação da quina no tratamento das *“febres palustres”*. **Willian Cullen (1712 – 1790)**, médico escocês, químico e agrônomo e um dos professores mais importantes na Escola de Medicina de Edimburgo, acreditava que a quina curava a *“febre”* por suas propriedades aromáticas e amargas. Como Hahnemann não concordava com esse entendimento, porque tinha em mente que a febre era curada pela quina por ela produzir reação semelhante em um corpo sadio, resolveu testar em si mesmo esse fato, tomando várias doses da substância em questão. A cada dose experimentava um acesso de febre intermitente, semelhante ao que ocorre com as febres palustres, confirmando sua teoria e o estimulando a fazer novas experiências com varias outras drogas, usando o próprio corpo.

Hahnemann, concentrado nesse princípio terapêutico, passou a colecionar observações de terceiros e a fazer experiências em si mesmo, buscando entender o efeito das drogas sobre o corpo. Dessa forma pôde confirmar suas expectativas com relação às características dos medicamentos, fato que o estimularam a tornar pública sua descoberta. Isso se deu no ano de 1796, com a publicação do ensaio sobre *“um novo principio para achar as virtudes de um medicamento”*, no Jornal de Hufeland. Depois disso, fez muitas outras publicações destacando-se aquela que em 1806 foi divulgada no Jornal de Hufeland, em um artigo de nome *“Medicina Experimental”*, onde o principio *“Similia similibus curantur”* – os semelhantes são curados pelos semelhantes - foi lançado como a base principal da terapêutica.

Organon da Medicina

Hahnemann, em 1797 já proclamava que o método era aprimorado quando o

medicamento era dado uma vez. Logo depois, agora em 1801, defendia a redução das doses em seu tratado sobre a “*Cura e Prevenção da Escarlatina*”. Todos esses princípios foram organizados no ano de 1810 em sua grande obra intitulada “*Organon da Ciência Médica Racional*”, título alterado na 2ª edição em 1819 para “*Organon da Arte de Curar*” ou “*Exposição da Doutrina Médica Homeopática*”.



O “*Organon da Arte de Curar*” foi editado cinco vezes e recebeu várias emendas do autor enquanto esse estava vivo e o manuscrito para sexta edição estava pronto antes de sua morte, em 1843. A quinta edição do “*Organon*” contemplou um tema de suma importância para radiestesistas e radionicistas - a Força Vital. Depois disso, a “*dinamização de medicamentos*” arrematou o cenário dos princípios homeopáticos apresentados nessa edição do “*Organon*”.

O que se viu até aqui sobre a vida de Hahnemann, é um breve relato dos feitos daquele que foi um dos grandes contribuidores da medicina vibracional e o “*Pai da Homeopatia*”. Depois dele, não desprezando outros expoentes no assunto, destaca-se o **Dr. James Tyler Kent** (1849-1916) por ter sistematizado a matéria médica de forma a mostrar, mais claramente, cada um dos remédios homeopáticos. Sua obra tornou-se fundamental para o treinamento homeopático

durante décadas e, ainda hoje, se pode dizer sem sombra de dúvidas que o **“Repertório de Kent”** é a ferramenta mais usada na homeopatia.

Preparação dos medicamentos homeopáticos



Depois de contada a história sobre *“A descoberta da homeopatia”* e pensando-se no contexto da radiônica, radiestesia, psiônica, etc., **a arte de preparação dos medicamentos homeopáticos** deve ser tratada com destaque, porque ela evidencia o valor energético dessa terapia.

O preparo do medicamento homeopático em geral se dá em dois processos, ou seja, usa-se uma via líquida ou sólida. Sendo que antes de tudo devem-se obter as substâncias naturais através de processos químicos ou por maceração no álcool, como é o caso das tinturas-mães produzidas a partir de plantas e animais - ou de suas secreções. As substâncias solúveis minerais ou químicas constituem-se em tinturas primitivas. Assim, sinteticamente esclarecido e de posse da substância natural, procede-se a sua dinamização pela via líquida ou sólida, como mostrado a seguir:

- **No caso da via líquida**, obtêm-se a preparação primitiva ou a tintura-mãe e dela se tira uma parte que será misturada com 9 (escala decimal) ou 99 (escala centesimal) outras partes de um veículo apropriado, que pode ser água bidestilada e álcool. Assim feito, colocada a diluição em um frasco, bate-se seu fundo sobre um corpo resistente, tendo-se dessa forma o processo de **“sucussão”**. Com esta diluição seguida da sucussão tem-se a 1ª dinamização que pode ser decimal (1ª D) ou centesimal (1ª CH), dependendo da proporção da diluição. Repetindo-se o processo, agora se usando a 1ª dinamização decimal ou centesimal, tem-se a 2ª dinamização decimal ou centesimal, respectivamente, e sucessivamente a dinamização desejada;

- **No caso da via sólida ou seca**, estando à substância reduzida a pó por trituração em um almofariz, tira-se uma parte que será misturada com 9 (escala decimal) ou 99 (escala centesimal) outras partes de um veículo apropriado, que nesse caso

pode ser lactose. Tritura-se o todo por um espaço de tempo - dizem alguns autores pelo menos por 20 minutos, tendo-se dessa forma o processo de “**trituração**”. Assim feito, tem-se a 1ª dinamização que pode ser decimal (1ª D) ou centesimal (1ª CH), dependendo da diluição. Repetindo-se o processo com a 1ª dinamização decimal ou centesimal, tem-se a seguir a 2ª dinamização decimal ou centesimal, respectivamente, e sucessivamente a dinamização desejada.



A experiência mostrou que substâncias insolúveis, a partir da 3ª dinamização centesimal tornam-se solúveis, como é o caso dos metais triturados até essa dinamização (3ª CH). Então, desse ponto em diante pode-se continuar dinamizando pela via líquida, ou seja, **se pega uma 3ª trituração centesimal e faz-se uma 4ª dinamização líquida**. Resumindo, a via sólida passa para via líquida a partir da 4ª centesimal.

Abreviatura das dinamizações homeopáticas

Se a dinamização pertence à escala decimal - diluição preparada na proporção de 1 para 10 - se faz acompanhar de “x” em algarismo romano, “D”, ou “DH” (escala decimal de Hering), como por exemplo: *Aconitum* 3.^{ax}, *Aconitum* 3ª D, *Aconitum* 3ª DH.

Se a dinamização pertence à escala centesimal - diluição preparada na proporção de 1 para 100 - não é necessário adicionar qualquer sinal. Contudo, atualmente, ela se faz acompanhar de “CH”, como por exemplo: *Aconitum* 3.^a CH ou até *Aconitum* 3CH.

Se a dinamização pertence escala cinquenta milesimal - diluição preparada na proporção de 1 para 50.000 – se faz acompanhar de “Q” ou “LM”, como por exemplo: *Lycopodium* 2 LM, *Lycopodium* 2 Q.

Nesse ponto destaca-se que nas diluições homeopáticas acima do número de Avogadro, ou seja, acima de 12 CH não existem mais moléculas da substância original. Nas diluições acima de 12 CH preservam-se, apenas, as características energéticas dos medicamentos.

Os praticantes da radiestesia e radiônica envolvidos com tratamentos energéticos podem se beneficiar dos ensinamentos de Clarke, no que diz respeito ao conhecimento da sintomatologia de treze medicamentos. Segundo Clarke esse conhecimento habilitaria o prático a tratar com sucesso a maioria dos casos que lhe fossem apresentados. Para tanto, esses medicamentos devem ser estudados seguindo a ordem que segue:

- 1 – Sulfur;
- 2 – Calcarea Carbonica;
- 3 – Lycopodium;
- 4 – Arsenicum Album;
- 5 – Thuya;
- 6 – Aconitum;
- 7 – Nux Vômica;
- 8 – Pulsatilla;
- 9 – Silicea;
- 10 – Hepar Sulfur;
- 11 – China;
- 12 – Belladonna;
- 13 – Bryonia.

Além dos livros citados em “*A descoberta da Homeopatia*”, o site <http://www.homeoesp.org> de autoria do Médico Homeopata, **Dr. José Maria**

Alves, oferece farto material para aqueles que quiserem se aprofundar nessa temática. Também, ressalta-se que a matéria médica homeopática é conhecimento básico para os que querem se aproximar da **“Medicina Psiônica”**, conforme mostrado pelo **Dr. J. H. Reyner** em seu livro sobre o assunto.

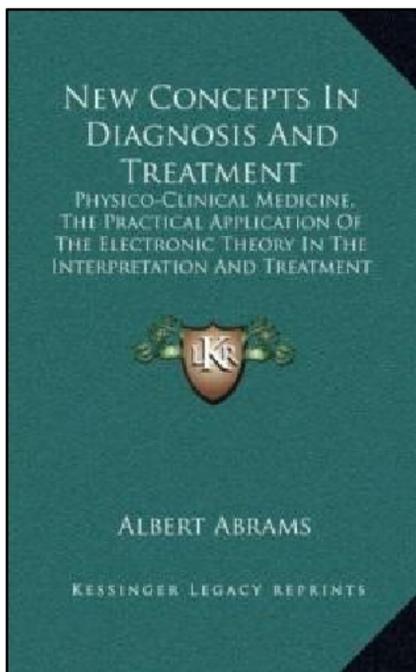
Desvendando os segredos da radiônica



O **“pai da radiônica”**, o médico americano **Dr. Albert Abrams** (1863-1924) herdou do pai, um próspero comerciante da cidade de San Francisco, na Califórnia-EUA, uma grande fortuna. Isso pode ser um indicativo de que seus inventos eram **“algo mais”** do que meras peças comerciais. Esse médico de práticas controversas para época, ficou conhecido em todo planeta por ter desenvolvido máquinas que, segundo ele, poderiam **curar quaisquer tipos de doenças**.

Abrams publicou vários livros, dentre eles, em 1910, aquele que ficou conhecido pelo título **“Spondylotherapy”**, em português **“Espondiloterapia”**, o que significa literalmente terapia das vértebras. Esse livro descrevia a teoria e a prática dessa técnica que consiste na excitação dos centros funcionais da medula espinhal, que segundo especialistas guarda semelhança com a Quiropraxia e Osteopatia.

Em 1916, quando Abrams publicou seu livro sobre **“Novos Conceitos no Diagnóstico e Tratamento”**, já experimentava o que veio a ser chamado de **“Reações Eletrônicas de Abrams”**, ou ERA em inglês. Suas **“Reações Eletrônicas”** ensaiavam uma ruptura com a prática da medicina convencional, o que lhe rendeu duras críticas e o fez ser chamado por muitos de **“charlatão”**. Isso é compreensível, porque naquela época seus colegas desconheciam as muitas experiências, desenvolvidas principalmente na antiga União Soviética, que dão conta das habilidades humanas envolvendo fenômenos de natureza psíquica.



Baseados na rica história do desenvolvedor da radiônica, para melhor conduzir o entendimento e a prática dessa técnica, apenas os fatos de maior importância serão mostrados nas linhas que seguirão.

O fenômeno da ressonância e a radiônica

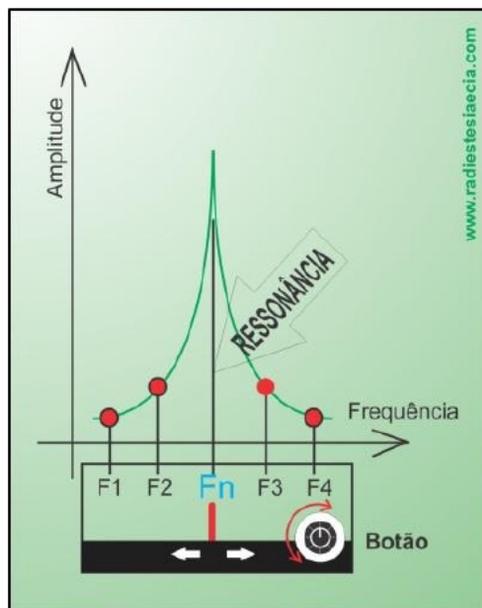
Em visita a Nápoles, Abrams viu o destacado tenor italiano Enrico Caruso espatifar uma taça à distância, cantando uma simples nota. Talvez Abrams não soubesse que se pode espatifar uma taça ou qualquer outro objeto semelhante, ao se cantar ou reproduzir uma nota que seja ressonante com os seus sons naturais, o que pode ser conhecido com uma simples “*pancadinha*” nos objetos, de tal forma que eles emitam seu som natural. Diante desse fato, Abrams por associação presumiu estar diante de um **princípio fundamental** que poderia ser usado no diagnóstico médico e nas terapias.

O princípio fundamental percebido por Abrams, pode ser chamado de entrar em “sintonia”. Na física esse fenômeno é conhecido como “ressonância”. Na verdade, os radiestesistas, radionicistas e assemelhados sintonizam-se, entram em ressonância, com os objetos de suas pesquisas. A física define esse fenômeno como visto no texto que segue:

“Quando o objeto é excitado por algum agente externo em uma de suas frequências naturais, dá-se à ressonância: o objeto vibra nessa frequência com amplitude máxima, só limitada pelos inevitáveis amortecimentos”.



Pode-se dizer que Caruso, com sua “pancadinha”, descobriu uma das frequências em que a taça gostava de vibrar. Essas são as frequências naturais de vibração de um objeto. Com isso, usando a sua voz, emitiu um som cuja frequência estava em ressonância com a da taça e, assim, pôde quebra-la. O som emitido por Caruso aumentou a “amplitude” da vibração, justamente no ponto da “frequência natural” (**F_n**), como pode ser visto na imagem que segue.



É como se a garganta de Caruso fosse um “radinho de pilha”, e ele tivesse girado o “botãozinho localizador das estações” para emitir um som que fosse capaz de entrar em sintonia com a frequência natural (**Fn**) da taça, como se vê na figura acima.

Nesse contexto é importante lembrar que:

- Todo o Universo vibra! Desde um minúsculo átomo até o maior e mais distante sistema planetário;
- **O pensamento, desencadeando a atividade cerebral e funcionando como um propulsor dos impulsos elétricos trocados entre neurônios, têm a sua frequência vibratória.** Essa proposição é primordial para que se possa vislumbrar o que pode estar por trás das transmissões radiônicas ou psiônicas, como queira;

- Todas as coisas têm suas frequências próprias, aquelas em que gostam de vibrar. Elas são o resultado do conjunto de modos de vibrações naturais;
- Os corpos, dependendo da complexidade de suas estruturas físicas, podem vibrar em muitos modos e em frequências diferentes;
- A vibração real de alguns corpos mostra movimentos aparentemente irregulares, que são a mistura do modo fundamental com alguns de seus modos harmônicos, como se vê na imagem abaixo;



- Falou-se até aqui de vibrações mecânicas. Se falássemos de um rádio, teríamos que pensar na frequência natural de vibração do seu circuito eletrônico. Nesses circuitos a vibração é uma rápida variação nas correntes elétricas que o percorrem. **Se falássemos do corpo humano, teríamos que pensar que a sua vibração é a resultante da vibração de cada uma de suas partes, de cada um de seus órgãos.**

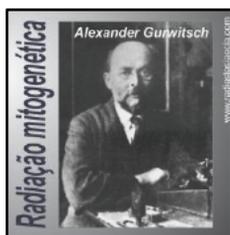
A fixação desses simples conceitos pode ajudar no entendimento dos fenômenos, que envolvem aquilo que usualmente conhecemos como ressonância ou sintonia - termos comumente usados na prática da radiestesia, radiônica, etc. Eles nos remetem a uma ideia aproximada da forma como se dá a ressonância ou sintonia

nos cenários estudados.

Note-se que o princípio fundamental percebido por Abrams não se limitava ao fenômeno da ressonância! **Ele insinuava, também, uma forma de interferência na estrutura molecular dos objetos**, fato que interessa aos praticantes da radiestesia, radiônica e os que buscam entender de que forma são obtidos os resultados em suas experiências. Resumindo, **só se pode interferir na estrutura molecular dos “alvos”, se entrarmos em sintonia com eles.**

Obviamente, essas particularidades estimulam, tão somente, as mentes questionadoras que buscam conhecer o que está por trás do fenômeno radiônico.

A radiação mitogenética e a radiônica



Dando sequência a história que se iniciou em “*Desvendando os segredos da radiônica*”, no final do século XIX, Abrams resolveu viajar para Alemanha com a pretensão de aprofundar seus conhecimentos na área da saúde. Na Escola de Medicina da Universidade de Heidelberg, seus esforços foram agraciados com lãureas máximas e chegou a ser premiado com medalha de ouro.

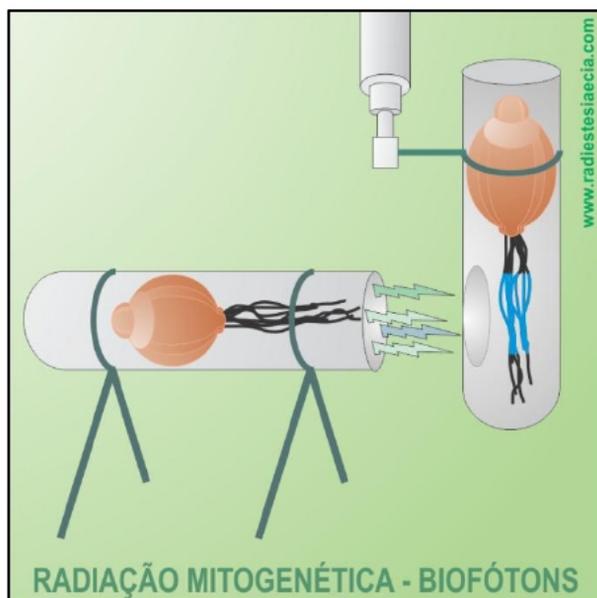
Abrams, vivendo essa situação especial, colhendo os louros de seu prestígio, conheceu o Professor **De Sauer** quando esse desenvolvia uma série de “*experiências interessantes*”, com plantas.

Dessas experiências a que mais chamou a atenção de Abrams, foi aquela em que De Sauer demonstrou que “*mudinhas de cebolas desenraizadas*”, deixadas por acaso ao lado de mudas que continuavam a crescer, pareciam alterar o desenvolvimento dessas últimas. Isso foi observado, porque as mudas em desenvolvimento se apresentavam de forma diferente daquelas colocadas no outro extremo de um canteiro, longe das “*mudinhas de cebolas desenraizadas*”. Abrams, diante desse fato e tendo em mente o fenômeno da ressonância, por traz do feito de Caruso, conclui que **as raízes da cebola emitiam algum tipo de radiação.**

Radiação mitogenética - biofótons

Antes de continuar é importante destacar que os relatos de Sauer envolvendo raízes de cebolas, se deram muito antes do descobrimento da radiação mitogenética. Essa radiação foi descoberta algum tempo depois pelo histologista russo **Alexander Gavrilovich Gurwitsch** (1874–1954) e sua mulher, na década de 20, quando colocaram em um tubo de vidro a extremidade de uma raiz de cebola e o apontaram para outra raiz colocada em outro tubo de vidro, com uma pequena abertura lateral para que pudesse servir de alvo.

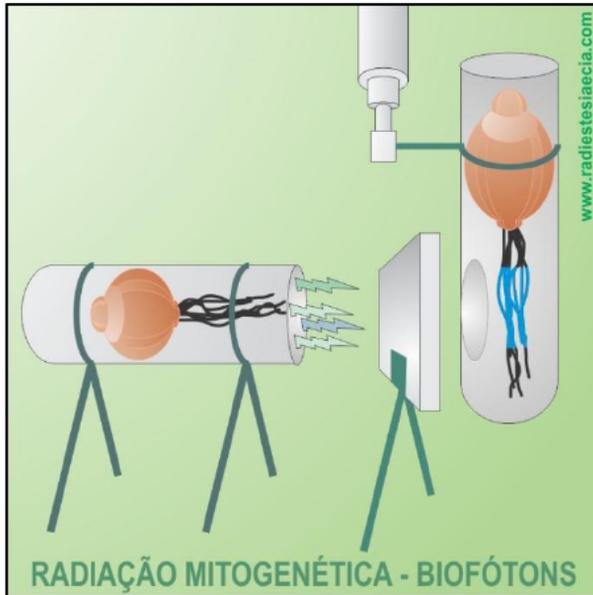
A radiação mitogenética recebeu esse nome de Gurwitsch porque, segundo ele, os *“raios mitogenéticos estimulavam a divisão celular ou a mitose”*. Esse experimento pode ser melhor entendido observando-se o esquema da figura que segue.



Gurwitsch deixou por três horas uma raiz-alvo de cebola exposta à radiação e, usando um microscópio, pôde constatar que ela apresentava aumento de 25% no

número de divisões celulares na zona de exposição, se essa fosse comparada com outras seções. Diante disso, concluiu que a raiz receptora tinha captado da raiz transmissora uma energia do tipo vital.

Com seu espírito investigativo estimulado pelos resultados obtidos com a experiência descrita acima, colocou um protetor de quartzo entre as raízes e obteve resultado semelhante ao da experiência anterior. Então, revestiu o protetor de quartzo com gelatina ou o substituiu por uma lâmina de vidro e notou que não houve aumento do número de divisões celulares. Diante disso, Gurwitsch concluiu que **as raízes das cebolas emitiam ondas curtas do espectro eletromagnético, próximas dos raios ultravioletas**, porque várias dessas frequências são bloqueadas pelo vidro e gelatina. Esse experimento era organizado conforme esquema que segue.



A redescoberta da radiação mitogenética se deu na década de 1970 pelo biofísico alemão **Fritz-Albert Popp** que a batizou de **biofótons**. Em síntese os biofótons são minúsculas partículas elementares de luz, produzidas por sistemas vivos, cujas

características de coerência se assemelham as de um feixe de raios laser de baixa potência, nesse caso ao de um laser biológico. **Albert Popp** acredita que os biofótons são responsáveis por controlar a bioquímica da vida e que funcionam **como partículas mensageiras do campo eletromagnético que as contêm**. Para Albert Popp os campos eletromagnéticos de biofótons apresentam-se com características holográficas, podendo *“ativar ou inibir processos bioquímicos, organizar a matéria, etc”*.

Nesse ponto, o princípio fundamental percebido por Abrams ultrapassava os limites do fenômeno da ressonância, e mostrava outra forma de interferência em estruturas moleculares. Agora, Abrams testemunhava a radiação interferindo na estrutura celular de organismos vivos.

Diante dessa exposição, comprova-se que é possível interferir com recursos externos, na estrutura de objetos inanimados e organismos vivos. Esse fato é de relevante importância para que se tente vislumbrar o que pode acontecer no cenário do processo radiônico, que têm como fontes sintonizadoras as máquinas radiônicas, etc. Contudo, **não se pode deixar de considerar que tudo depende das habilidades psíquicas do operador**, no que concerne a manipulação de energias que se supõem de natureza “Psi” – *a vigésima terceira letra do alfabeto grego, um termo genérico para designar todo o campo paranormal*.

O destaque fica para o fato de que mais importantes que as máquinas radiônicas, são os seus operadores.

As “reações eletrônicas” das doenças



Albert Abrams (1863-1924), depois de ter aprimorado seus conhecimentos na Universidade de Heidelberg, na Alemanha, voltou aos Estados Unidos levando em sua bagagem as “percepções” que se insinuavam por trás do [fenômeno da ressonância](#) e das “transformações” que envolviam uma cebola, quando essa se via apontada pelas raízes de outra - fenômeno que mais tarde ficou conhecido como [radiação mitogenética](#).

Na Escola de Medicina da Universidade de Stanford, Califórnia – EUA, Abrams passou a ensinar patologia e pôde coroar sua carreira universitária como diretor de estudos médicos. Sempre se destacou na técnica da percussão e quando colocava sua mão esquerda sobre o tronco de um paciente e dava nela “*pancadinhas*” com dois de dedos da direita, tornava-se um mestre nessa arte; fazendo com que seus colegas reconhecessem o quanto era brilhante em seus diagnósticos.

A radiação das doenças e o magnetismo terrestre

Com seu ouvido apurado Abrams notou, ao examinar um paciente, que os sons obtidos por suas “*pancadinhas*” eram abafados por **interferência de um aparelho de raios X**, ligado nas proximidades. Intrigado com esse fato pediu ao paciente que se movesse; então, percebeu que a interferência só ocorria quando ele se colocava na direção Leste-Oeste e **deixava de existir na direção Norte-Sul**. Essa constatação evidenciou a relação do campo geomagnético da Terra com os campos eletromagnéticos dos seres humanos.



Tal como aconteceu com os humanos na experiência de Abrams, à influência do campo magnético terrestre sobre as raízes de cereais, cultivados no continente norte-americano, foi confirmada por observações **Dr. U. J. Pittman**, da Estação de Pesquisa Agrícola de Letbridge, em Alberta. A observação desse fenômeno se estendeu as raízes de várias espécies de ervas, porque elas procuravam se alinhar no sentido Norte-Sul, paralelamente à força horizontal do campo magnético da Terra.

Voltando a Abrams, mais tarde, ele constatou alterações semelhantes às citadas anteriormente na percussão do abdômen de um **paciente com uma ferida cancerígena no lábio**. Nessa outra constatação, isso acontecia mesmo que o aparelho de raios X estivesse desligado, repetindo-se as mesmas características do experimento anterior, ou seja, a interferência só ocorria quando o paciente se colocava na direção Leste-Oeste e deixava de existir na direção Norte-Sul.



Esses fatos se comprovaram em experiências realizadas durante vários meses com pacientes acometidos por outras enfermidades. Nessas experiências, em resumo, Abrams observou que as fibras nervosas da região epigástrica se contraíam estimuladas por um equipamento de raios X, mesmo que esse estivesse colocado

a vários metros de distância. Notou, ainda, que nos pacientes cancerosos as fibras nervosas da região epigástrica se mantinham constantemente contraídas, excetuando-se quando eles se mostravam orientados na direção Norte—Sul. Isso levou Abrams a concluir que a **“contração das fibras da região epigástrica” se dava pela energia irradiada pelos raios X ou, no caso dos pacientes cancerosos, em reposta a vibração coletiva das moléculas que formavam o tumor.**

As “reações eletrônicas” de Abrams

Nesse contexto, um dos relatos mais interessantes sobre as experiências de Abrams foi aquele em que usou um menino de nome Ivor, empregado de sua residência, para ilustrar seus conceitos sobre a reação, ou melhor, contração da região epigástrica quando um organismo se vê submetido a uma enfermidade. Em uma de suas aulas mandou que Ivor, sem camisa, subisse em um estrado de madeira e **olhasse para oeste**; então, batendo na barriga do rapaz, em um **ponto acima do umbigo**, mostrou para plateia o quanto eram ressonantes as *“pancadinhas”* sobre seu abdômen. Depois disso, ainda dando *“pancadinhas”* no abdômen de Ivor - em um ponto acima do umbigo, pediu que um de seus alunos encostasse e desencostasse da testa do rapaz, repetidamente, uma amostra de tecido canceroso. Para constatação e espanto da classe, observou-se uma variação no timbre das notas emitidas pelas *“pancadinhas”*, evidenciando uma aparente **contração das fibras musculares do abdômen, quando o tecido canceroso entrava em contato com a testa de Ivor**. Essa variação no timbre das notas e a aparente contração do abdômen, não se repetiram quando o tecido canceroso foi substituído por outro tuberculoso.

Essa ilustração ficou ainda mais interessante quando Abrams, com o **tecido tuberculoso** em contato com a testa de Ivor, resolveu dar suas *“pancadinhas”* em outra **região abaixo do umbigo** e, então, voltou a observar uma variação no timbre das notas. Diante disso, **Abrams concluiu que as amostras de tecidos doentes emitiam algum tipo de energia desconhecida, que podiam ser captadas e registradas em algum ponto de um organismo sadio.**

A partir desse ponto Abrams começou a desenvolver o que ele chamou de *“reações eletrônicas”*, experiência que assinalava uma série de doenças que iam do câncer a tuberculose, da malária aos estreptococos e se confirmavam com a percussão em *“diferentes regiões do tronco”*, de uma pessoa sadia. Com essas

experiências pôde sugerir que as doenças são provocadas, porque **“os constituintes das células sofrem uma alteração estrutural – uma mudança no número e na disposição de seus elétrons”** que desenvolvem alterações só observadas mais tarde em um microscópio.

As reações eletrônicas das doenças e seus diagnósticos



Parece existir certa lógica na suposição de Abrams quando fala das causas das enfermidades e, a respeito delas, declara que **“os constituintes das células sofrem uma alteração estrutural – uma mudança no número e na disposição de seus elétrons”**. Assim é dito, considerando-se que a organização eletrônica das moléculas que formam uma célula cancerosa - doente, não pode ser igual à de outra sadia. É provável que seja assim com outras células afetadas por patologias diversas, como é o caso daquelas que compõem os tecidos tuberculosos, etc.

Reações eletrônicas de Abrams e sua identificação em pontos do abdômen

Com os princípios citados acima em mente, Abrams continuou suas pesquisas envolvendo o que chamou de **“reações eletrônicas”**; então, pôde constatar que muitas dessas **“reações” se apresentavam em um mesmo ponto no abdômen**. Isso significava que quando uma pessoa saudável, olhando para Oeste, tinha contato com uma amostra de tecido canceroso, sífilítico ou com um elemento sarcomatoso, a percussão em **um ponto acima de seu umbigo** se apresentava **“abafada”**, alterada, como mostrado no título **“As reações eletrônicas das doenças”** e em **“1”**, na figura abaixo. Note-se que essas **“reações”** se davam, nesse caso, em um ponto acima do umbigo mesmo testando-se amostras diferentes, independente das diferenças óbvias na organização eletrônica das moléculas de cada uma delas.

No caso da malária a percussão **“abafada”** era observada em uma região do abdômen a cerca de cinco centímetros abaixo e cinco centímetros a esquerda do umbigo, como na marca **“4”** da figura que segue. A reação produzida pelas toxinas estreptocócicas era idêntica à produzida pelo enxofre e se observava na percussão

feita em um ponto a esquerda do umbigo, como mostrado em “3”, na figura abaixo.



As “reações” de múltiplas enfermidades observadas na percussão de uma mesma região, ou ponto do abdômen, dificultava muitíssimo a diferenciação das doenças. Contudo, Abrams acreditava que essas “reações”, mesmo mostrando-se em uma mesma área do abdômen, teriam forçosamente que ser diferentes com relação à natureza de suas radiações.

O problema da diferenciação das doenças

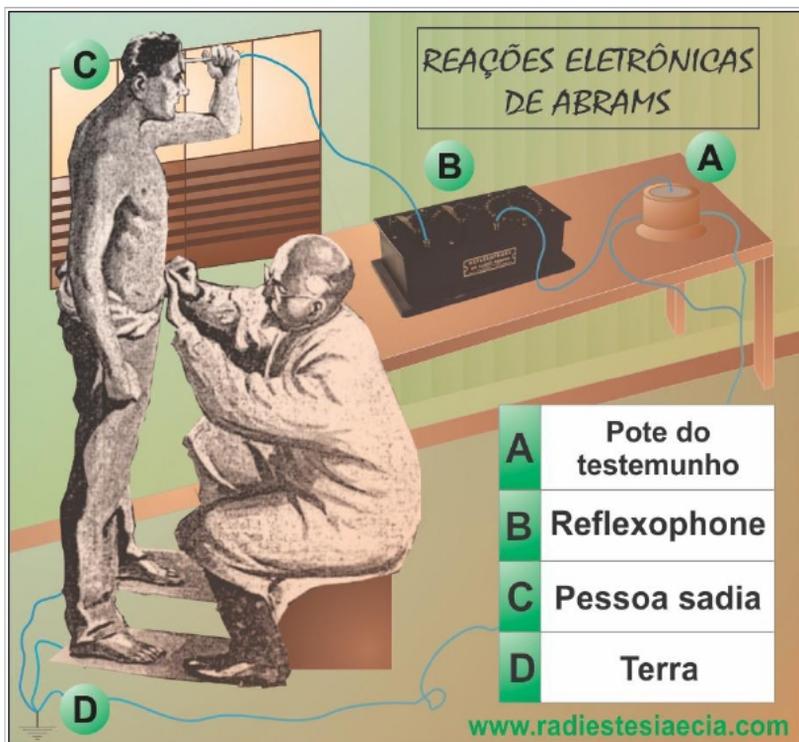
Buscando resolver o problema da “diferenciação das doenças”, Abrams observou que **a radiação de uma amostra patológica podia ser conduzida por um fio** de cerca de 2 metros, tal como acontece com a eletricidade. Para comprovar essa observação, Abrams construiu um disco de metal com 5 cinco centímetros de diâmetro e fixou nele um cabo de madeira; depois soldou no disco uma das

pontas de um fio. A outra ponta deveria ser colocada sobre as amostras patológicas. Assim feito, colocou o disco na testa da **pessoa sadia conhecida como “sujeito”**; a outra ponta do fio sobre a amostra patológica que descansava sobre um tampo de vidro, e começou a dar suas *“pancadinhas”* no abdômen do *“sujeito”*. Para sua alegria, constatou que as enfermidades apresentaram as mesmas *“reações”*, tal como observado quando as amostras eram colocadas diretamente sobre a testa de uma pessoa sadia. Estava comprovada a condução das *“radiações”* das amostras através de um fio.

Até esse ponto não se tinha resolvido o problema da *“diferenciação das doenças”*, mas Abrams já tinha observado que com relação às *“reações”*, detectadas pela percussão, **não fazia diferença colocar a amostra patológica sobre um tampo de vidro ou dentro de um pote**. Notou, ainda, que podia detectar a *“doença”* mesmo que ela estivesse contida dentro do corpo do paciente. Assim se comprovou quando um membro de sua classe, que já estivera em tratamento de uma tuberculose, se ofereceu como voluntário para testar a possibilidade do sistema detectar a localização de sua infecção. Para isso, Abrams mandou que o médico paciente se posicionasse ao lado do *“sujeito”*, cuja testa era tocada por um disco colocado em uma das pontas de um fio e, então, pediu ao seu assistente que tocasse com o disco, que ficava no outro extremo do fio, em pontos do peito do médico voluntário. Mais uma vez, para espanto da plateia e do voluntário, Abrams notou que os sons emitidos pela percussão em uma área **abaixo do umbigo do “sujeito”**, ficavam abafados quando esse último disco era posicionado no ápice do pulmão direito do médico, que tinha se tratado de uma **tuberculose** exatamente nesse ponto. Agora, usando um fio com discos nas extremidades, já era possível localizar o local da infecção.

A descoberta de um sistema para o diagnóstico diferencial das doenças.

Ainda persistia o problema da diferenciação das doenças entre duas ou mais reações aparentemente idênticas, ou seja, em uma mesma região do abdômen. Até que, depois de meses de experimentações, Abrams resolveu colocar entre a amostra patológica e a testa do doente um instrumento constituído de reostatos para que a suposta radiação conduzida pelo fio pudesse ser calibrada ou sintonizada. Esse instrumento foi batizado com nome de **Reflexophone** e funcionava como se fosse um sintonizador de estações de rádio, ou melhor, nesse caso, como **um sintonizador de radiações patológicas, etc.**



Esse “sistema” era composto como mostrado na figura acima, sendo constituído basicamente de um fio de 2 metros, dividido ao meio com um disco em uma ponta para ser colocado na testa do “sujeito”, como em “C”, o Reflexophone no meio com os fios conectados aos seus terminais de entrada e saída, como em “B”, e na outra ponta um disco, que poderia ser colocado diretamente sobre a amostra ou tampando um recipiente que a contivesse – como em “A”. O pote da amostra e o “sujeito” eram aterrados, como em “D”, para que supostamente a radiação circulasse pelo sistema.

A primeira experiência com esse “sistema” foi feita com uma amostra de tecido canceroso, colocada dentro do pote como na figura acima, em “A”. O Reflexophone em “B” foi operado por um assistente de Abrams que colocou os

apontadores dos reostatos direcionados para um lugar qualquer. Então, Abrams dando suas “*pancadinhas*” no “*sujeito*” em “**C**”, mandou que o assistente girasse os “*apontadores dos diais*” em “**B**” até que se ouvisse um som abafado, indicando uma “*reação*”. Quando isso aconteceu o operador do Reflexophone informou que o dial marcava o número “50”. Abrams pediu que esse valor fosse registrado em uma tabela, como uma “*taxa*” para o câncer e mandou que a amostra fosse trocada por outra de sífilis; então, constatou que a “*taxa*” que havia ficado registrada no Reflexophone não servia para essa nova amostra, ou seja, os sons de suas “*pancadinhas*” não ficavam abafados. Com isso, Abrams se convenceu que estava no caminho certo e mandou que seu assistente voltasse a girar os diais até que um som abafado fosse ouvido como resultado de suas “*pancadinhas*”. Assim, ele descobriu mais uma “*taxa*”, que no caso era “55” para sífilis. Refez todo o processo e se convenceu que com essa metodologia poderia indicar uma “*taxa*” ou “*índice*”, como se queira, para cada patologia.

Pronto! **Estava descoberta a forma para a elaboração dos diagnósticos diferenciais**, ou seja, as “*reações*” patológicas do câncer e sífilis eram detectadas por um som abafado em um ponto acima do umbigo do “*sujeito*”, desde que o Reflexophone estivesse sintonizado em uma determinada “*taxa*”. Contudo, com o Reflexophone instalado no meio do fio como na figura acima, isso só acontecia para o câncer quando seus diais apontavam para o número “50”, para a sífilis quando os diais indicavam o número “55” e sarcoma para o número “58”.

O Reflexophone e algumas de suas “*taxas*”

Com a regulação dos diais do Reflexophone, Abrams registrou várias “*taxas*”, destacando-se as que seguem na tabela abaixo.

PATOLOGIA	TAXA	REAÇÃO
Sarcoma	58	Acima do umbigo (“1”)*
Câncer	50	
Sífilis	55	

Tuberculose	42	Abaixo do umbigo ("2")*
Toxinas Estreptocólicas	60	A esquerda do umbigo ("3")*
Toxinas da Malária	32	A esquerda do umbigo ("4")*
Toxinas Pneumocólicas	9	Abaixo do umbigo ("5")*

* Veja localização marcada na figura do abdômen acima.



O Reflexophone, mostrado na figura acima, se constituía de uma caixa em madeira na cor preta, medindo 25 cm x 15 cm x 10 cm, com tampa em material impregnado com resina fenólica com números estampados, três diais com ponteiros e dois conectores para cabos. O seu primeiro dial selecionava resistências de 0 a 50 Ohms, o segundo de 0 a 10 Ohms e o terceiro de 0 a 2,5

Ohms. Suas três seções eram ligadas em série de modo que as resistências que surgissem entre seus dois terminais fossem somadas.



Esse equipamento foi descrito como um dispositivo sem fio especialmente ajustado para "*capturar*" radiações específicas, enviadas por moléculas de origens patológicas, químicas e medicinais. Na época seu propósito foi plenamente alcançado, porque serviu para Abrams resolver o dilema do diagnóstico diferencial. Contudo, esse aparelho, aparentemente, não apresentava uma lógica racional para seu funcionamento, o que fez com que ele fosse duramente criticado. Ainda assim, serviu de inspiração para uma série de outros aparelhos radiônicos, construídos em **caixas pretas com o nome genérico de "Black Box"**.



Uma das avaliações mais interessantes do Reflexophone foi feita pela empresa “Electro Medical Instrument Manufactures”, em 1955, a pedido do editor do “British Journal”, que o descreveu:

“Senhor,

Conforme solicitado, examinamos o painel de controle do seu Reflexophone de Abrams. Ele é constituído por três reostatos variáveis com escalas marcadas de forma a indicar vários valores ôhmicos. As marcações são:

0 - 50, em passos de 10 Ohms.

0 - 10, em passos de 1 Ohm.

0 - 25, em passos de 1/25th Ohm.

Estes valores são necessariamente aproximados, devido a algumas variações dos parafusos de contato. Este painel pode muito bem ser usado em conjunto com um circuito indutivo.

*Os reostatos são enrolados de modo que funcionem como indutivos e, portanto, as variações nas resistências também causarão variação nas indutâncias. **É possível que a função desta indutância seja capturar algumas frequências que serviriam***

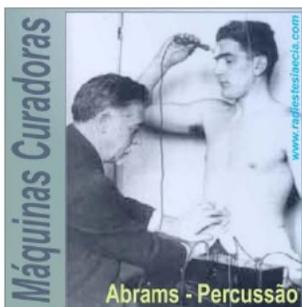
ao propósito especial do Dr. Abrams.

Gerencia do Departamento Eletro Médico”.

Link para imagens do Reflexophone:

<http://www.nolindan.com/lindancollection/ql209.html>

Reflexophone e os diagnósticos a partir de uma gota de sangue



O desenvolvimento de um procedimento para a elaboração dos diagnósticos diferenciais usando um **Reflexophone**, como mostrado anteriormente, não foi suficiente para acalmar o espírito investigativo do Dr. Albert Abrams. Ele queria mais, muito mais, como será visto a seguir.

Depois de muitas experiências, Abrams passou a colecionar o registro de várias “taxas” de reações eletrônicas de doenças, ou seja, números que indicavam em um Reflexophone a regulagem de seus diais para uma determinada amostra patológica. Com esse acervo de “taxas”, vivendo a inquietude dos pesquisadores, se via obrigado a avançar em suas experiências. Então, fazendo uso dos seus registros de “reações” patológicas, tratou de experimentar se eles eram válidos para amostras **não patológicas**, como é o caso do sangue. Nessa direção, colheu amostras de sangue de pacientes portadores de doenças claramente definidas, como é o caso do câncer, sífilis, tuberculose, etc., e pesquisou se elas poderiam provocar no corpo de uma pessoa sadia - conhecida como “sujeito”, às mesmas reações observadas em seus experimentos anteriores com amostras patológicas.

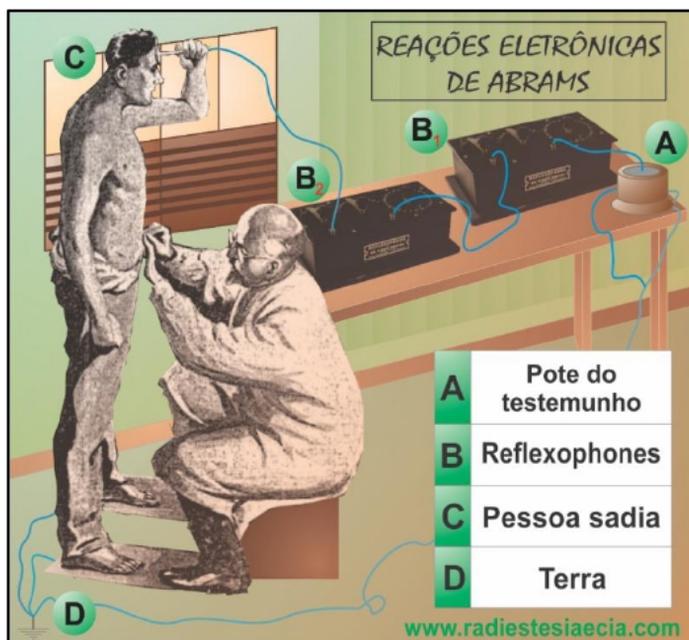


REFLEXOPHONE

CONTROLES

Essa suspeita se confirmou, porque Abrams com uma simples gota de sangue foi capaz de detectar em qual dos seios, se localizava o câncer de uma de suas pacientes. Para isso, Abrams adotava procedimento semelhante aquele do “*médico paciente*” com tuberculose pulmonar, mostrado no capítulo anterior. Nesse caso, a amostra de sangue era colocada no pote, como na figura abaixo em “*A*”, e o disco existente no outro extremo do “*sistema*” na testa do “*sujeito*”, como em “*C*”. Agora, o “*sujeito*” apontava o dedo para pontos de seu próprio peito, enquanto Abrams o percutia. Assim, tão logo fosse ouvido um som abafado como resultado da percussão tinha-se encontrado o ponto, onde se alojava a doença. Dessa forma, Abrams conseguia revelar a localização de qualquer doença, estivesse ela nos pulmões, nas vertebbras, intestinos ou em qualquer outra parte do corpo.

Nesse ponto a lógica do sistema foi quebrada, porque estando a gota de sangue impregnada com as radiações eletrônicas de células cancerosas o som abafado tinha que ser ouvido, mesmo que o “*sujeito*” não tivesse apontado para qualquer ponto de seu peito. Contudo, os crédulos já se deram conta que estamos tratando de fenômenos de natureza microscópica, melhor tratados no contexto da física quântica. Então, por enquanto, os não crédulos devem se contentar com os princípios do “*jogo das 20 perguntas*” de John Archibald Wheeler, ao experimento do neurofisiologista mexicano Jacobo Grimberg-Zylberbaum, etc., tendo em mente que a física clássica e a quântica, ainda, não tem uma teoria unificada que possa explicar todos os fenômenos de seus domínios.



O Reflexophone e os diagnósticos a partir de uma gota de sangue

Esse novo experimento, usando um ou dois Reflexophones, mostrou-se ainda mais fantástico do que os anteriores! Abrams a partir de uma simples gota de sangue, colocada sobre um pedaço de papel mata-borrão, foi capaz de **diagnosticar e avaliar o estágio** em que se encontravam várias doenças de um corpo humano.

O processo era bastante semelhante ao visto no capítulo anterior, sendo que nesse caso o “sistema” era composto como mostrado na figura acima. Nesse outro “sistema”, um pouco diferente do anterior por conter dois Reflexophones, a conexão entre os dispositivos era feita através de um fio - destacado na cor azul, dividido em partes, onde em um extremo havia um disco para ser colocado na testa do “sujeito”, como em “C”, e na outra ponta um disco tampando um recipiente que contivesse a amostra de sangue, etc., como em “A”. O primeiro Reflexophone, da direita para esquerda, ficava no meio dessa arrumação como

em “B1”, com fios conectados a outro Reflexophone, como em “B2”. O pote das amostras era feito de vulcanite sólida e tinha duas placas de alumínio aterradas que deveriam ficar no máximo há cinco milímetros da tampa, como em “D”. Note que o pote das amostras e o sujeito eram aterrados, para que supostamente a radiação circulasse pelo sistema.

Nesse “sistema” uma amostra de sangue era colocada em um pote - como em “A”, onde sua radiação supunha-se transmitida para um Reflexophone - como em “B1”, depois para outro Reflexophone - como em “B2”, e em seguida essa radiação era levada por um disco à testa do “sujeito” - como em “C”, em cujo abdômen se detectava em resposta as “pancadinhas” um som surdo – não ressonante, sempre que nos dias dos Reflexophones se indicavam uma taxa da doença pesquisada. Só que nesse caso **o segundo Reflexophone ajudava a definir um índice indicativo do estágio de desenvolvimento da doença.**

O segundo Reflexophone e a avaliação dos estágios das doenças

Para desenvolver a técnica que tornou possível avaliar a evolução de uma doença, Abrams separou amostras de sangue de pacientes em diferentes estágios de tuberculose, ou seja, obteve amostras para tuberculose em estágios precoce, intermediário e avançado. Assim feito e tendo em mente a escala de cada um dos dias do segundo Reflexophone, como mostrado na figura que segue, Abrams iniciou mais uma experiência.



Nessa experiência, Abrams mandou que seu assistente fixasse em 42 a “taxa” do primeiro Reflexophone - em “B1”, porque esse era o índice geral para a tuberculose e, logo em seguida, pediu que fixasse em 0 todos os diais do segundo Reflexophone, o dispositivo mestre para esse ensaio - em “B2”. Assim feito, foi colocada uma gota de sangue de um paciente com **tuberculose avançada** no pote - em “A” e, então, o assistente começou a girar o primeiro dial do segundo Reflexophone - em “B2”, até que **o som abafado deixou de ser ouvido** como resultado da percussão de Abrams no abdômen do “*sujeito*”.

Isso aconteceu quando o primeiro dial tinha sido fixado em 40, o que indicava que a “taxa” real do segundo Reflexophone – aquela que continuava produzindo um som abafado - deveria estar entre 30 e um número menor que 40. Nesse ponto, o assistente voltou o primeiro dial do segundo Reflexophone para o número 30 e tratou de afinar o ajuste usando o segundo dial que foi girado até o número 8, quando novamente o som abafado deixou de ser ouvido. Tal como aconteceu com o primeiro dial, isso indicava que a afinação estava entre 37 e um número menor que 38, já que os valores dos diais deveriam ser somados. Como tinha feito anteriormente, o assistente voltou o segundo dial para o número 7 e tratou de afinar o terceiro dial. Esse último dial não aceitou qualquer ajuste. Isso serviu para confirmar que a tuberculose em estágio avançado tinha uma “taxa” de 42 no primeiro Reflexophone e 37 no segundo.

Repetindo-se o ensaio para outras tuberculosas, constatou-se que a intermediária tinha “taxa” de 42 no primeiro e 12 ou 14 no segundo Reflexophone e a precoce, 42 no primeiro e 12/15 unidades no segundo.

Uma máquina para tratar da saúde de nome Oscilloclast



O ponto culminante para a descoberta de um equipamento que pudesse tratar da saúde das pessoas se deu quando o **Dr. Abrams** demonstrava em um evento a “*reação eletrônica*” provocada por uma gota de sangue, pertencente a um paciente portador de malária. Nesse evento Abrams colocou no pote das amostras, como em “A” na cena do capítulo anterior, em vez de uma gota de sangue,

uma pequena quantidade de sulfato de quinino e obteve, para espanto da plateia, o mesmo resultado que obtinha com a percussão de uma amostra patológica da malária, indicando uma “*reação eletrônica*” semelhante à obtida com essa última.

Depois disso, no pote das amostras, juntou uma pequena porção de sulfato de quinino com uma amostra patológica de malária e voltou a percutir o abdômen do “*sujeito*”. Espantados com as implicações do resultado desse último feito, os médicos da plateia ouviram como consequência da percussão um som ressonante, indicando claramente que **o sulfato de quinino anulava o efeito das “reações” da malária**. Isso se confirmou com outros antídotos, como foi o caso do **mercúrio para sífilis**, etc.

Um aparelho emissor de frequências chamado Oscilloclast

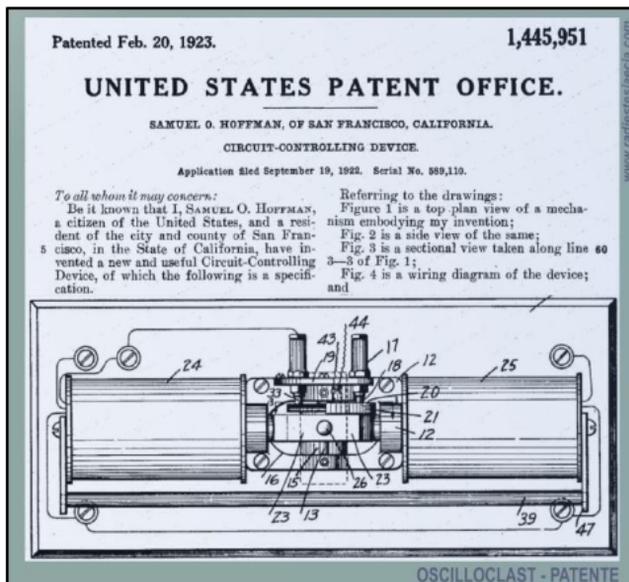
Abrams, já tinha desenvolvido um aparelho - o Reflexophone, para sintonizar as “*reações eletrônicas*” das doenças. Então, tinha como certo que também poderia desenvolver outro equipamento que funcionasse como um emissor de “*frequências*”, tal como um rádio, anulando as ondas emitidas por tecidos patológicos.

Com isso em mente e com a ajuda do engenheiro **Samuel O. Hoffman** desenvolveu uma máquina, batizada com o nome de “*Oscilloclast*”, com a aparência da imagem que segue.



O Oscilloclast e um resumo de sua patente

O “*Oscilloclast*” foi desenvolvido para funcionar como um dispositivo que pudesse iniciar e interromper - ligar e desligar, periodicamente um contato, de tal forma que se produzisse uma frequência eletromotiva – EMF, pulsante. Ele deveria ser usado para obtenção de um efeito eletro-terapêutico, que poderia ser produzido pela aplicação periódica de uma força eletromotiva em partes do corpo humano. A frequência mais indicada para essas aplicações girava em torno **200 pulsos por minuto**. Naquela época, segundo Samuel Hoffman, embora fosse possível iniciar e interromper um contato com um mecanismo acionado por um motor, tal construção teria um elevado custo inicial, sendo inclusive bastante difícil manter a frequência dos pulsos dentro de limites relativamente estreitos. Então, como a intenção de Samuel era construir um dispositivo de comutação simples, de baixo custo e capaz de manter a frequência dentro de limites restritos, ele se utilizou de contatos adaptados que seriam acionados e desligados pelas oscilações de um pêndulo, mantendo os pulsos uniformes. A energia para manter o pêndulo oscilando poderia ser fornecida com o auxílio de eletroímãs.



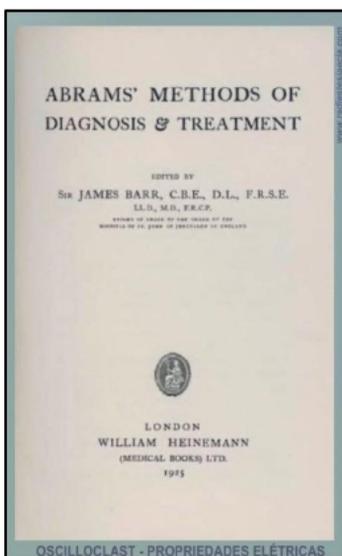
Acima se vê imagem com partes da patente do “*Oscilloclast*”, invento que veio depois do Reflexophone de Abrams e serviu de marco para o desenvolvimento da radiônica. Esse equipamento foi construído a pedido de Abrams, pelo engenheiro Samuel O. Hoffman, de São Francisco – Califórnia, que o patenteou nos Estados Unidos, em 20 de fevereiro de 1923, sob o nº 1.445.951.

Essa patente pode ser obtida, gratuitamente, clicando-se em “*Patente Oscilloclast*”.

As propriedades elétricas de um Oscilloclast

Em 1925, o professor de física C. Taylor Jones, da University College, em Bangor, estado americano do Maine, foi convidado pela Electronic Society para examinar o “*Oscilloclast*”, com o propósito de registrar a natureza dos efeitos elétricos que produzia, levando em conta que na época esse equipamento era usado com muito sucesso no tratamento de certas doenças.

Seu “*Relatório Sobre as Propriedades Elétricas de um Oscilloclast*” foi apresentado no capítulo IV, da publicação de nome “*ABRAMS METHODS OF DIAGNOSIS & TREATMENT*”, editado por James Barr, onde resumidamente se dizia o que segue.



Com base no diagrama do aparelho, uma pessoa conectada ao cabo de tratamento é submetida duas vezes a um impulso elétrico em cada oscilação do induzido, com uma frequência de cerca de **200 vezes por minuto**. Isso acontece, porque o equipamento produz um curto período de conexão elétrica com o polo negativo. Em cada impulso uma quantidade de carga de eletricidade negativa é transferida à pessoa. Nos intervalos entre os impulsos seu potencial negativo é reduzido, dependendo da quantidade de perda do sistema. A tensão eficaz produzida pelo aparelho é de cerca de 170 volts, desde que se observe um bom isolamento. Os impulsos elétricos não são afetados de forma apreciável pela resistência em série, criada em decorrência da conexão do contato com a pessoa em tratamento.

Pouco depois da transmissão de um impulso elétrico alternado, outro impulso de origem eletromagnética é produzido pelo equipamento para ser transmitido ao paciente, ao longo do tratamento. Os impulsos magnéticos são de curta duração, e produzidos nos momentos em que as bobinas de desmagnetização do eletroímã são lançadas para fora do sistema.

A frequência do aparelho é de cerca de seis milhões de oscilação por segundo, correspondendo a um comprimento de onda de cerca de 50 metros. A oscilação

pode ser detectada por um Wavemeter adequadamente ajustado e colocado próximo ao aparelho, desde que não fique perto dos contatos usados para o tratamento ou de qualquer outro condutor que transmita o impulso induzido magneticamente.

Esse “Relatório” em inglês pode ser obtido, **gratuitamente**, clicando-se em “Propriedades de um Oscilloclast”.

As vibrações das doenças e a radiônica



As grandes descobertas de Abrams, destacando-se dentre elas a metodologia de seus diagnósticos, o desenvolvimento das máquinas Reflexophone, Rheostatic Dynamizer, Oscilloclast, etc., alicerçam a ideia de que toda matéria emite radiações e que elas podem ser capturadas da dimensão que ocupam, através de detectores humanos cujos corpos mostram seus reflexos em regiões específicas, como citado nessa série de textos desde o título “As reações eletrônicas das doenças”. Além disso, suas “máquinas curadoras” evidenciam o tratamento das doenças pelo princípio homeopático, ou seja, os semelhantes são curados pelos semelhantes - “*Similia similibus curantur*”, que no caso em questão seria mais bem explicado com a citação: “**radiações patológicas são anuladas por radiações com frequências que lhe sejam ressonantes**”. Isso é reforçado nesse contexto, quando se leva em conta o fenômeno da ressonância explicado no texto “Desvendando os segredos da radiônica”, especialmente nos parágrafos que seguem.

“Pode-se dizer que Caruso, com sua “pancadinha”, descobriu uma das frequências em que a taça gostava de vibrar. Essas são as frequências naturais de vibração de um objeto. Com isso, usando a sua voz, emitiu um som cuja frequência estava em ressonância com a da taça e, assim, pôde quebra-la”.

“Note-se que o princípio fundamental percebido por Abrams não se limitava ao fenômeno da ressonância! Ele insinuava, também, uma forma de interferência na

estrutura molecular dos objetos, fato que interessa aos praticantes da radiestesia, radiônica e os que buscam entender de que forma são obtidos os resultados em suas experiências. Resumindo, só se pode interferir na estrutura molecular dos “alvos”, se entrarmos em sintonia com eles”.

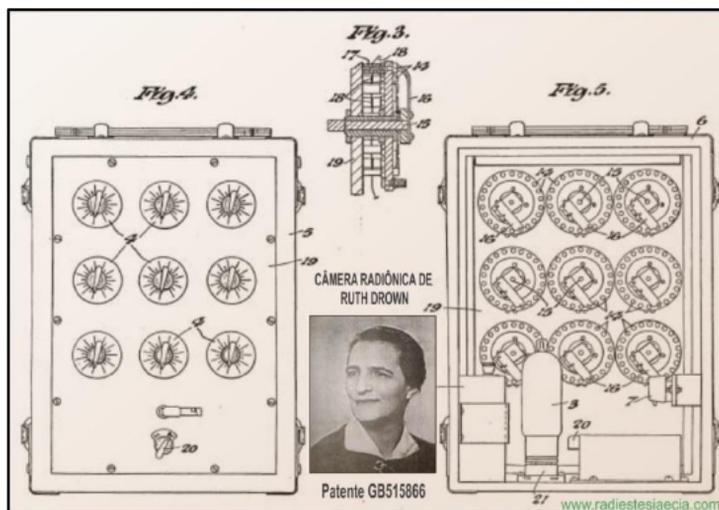
Independente de seus feitos, Abrams não se livrou da ira e de sanções da Associação Médica Americana, por quem foi acusado de charlatão. Mesmo depois de sua morte a campanha para desmoralizar seus feitos continuou nos Estados Unidos, como pode ser visto em dezoito publicações consecutivas da revista Scientific American. Isso não desmotivou seus admiradores, porque sua obra havia conquistado seguidores nos Estados Unidos e no Mundo, destacando-se em sua terra natal uma minoria de médicos quiropráticos – “*médicos sem drogas*”.

Ruth Drown e suas fotografias a partir de uma gota de sangue

A Dra. **Ruth Beymer Drown**, uma jovem de Los Angeles, fazia parte do seleto grupo de médicos quiropráticos americanos que admiravam o trabalho de Abrams. Tanto é que se dedicava a aperfeiçoar as máquinas daquele que tinha como mestre, sendo uma de suas criações mais notáveis o desenvolvimento de um aparelho de nome **Radio-Vision**, utilizado para fotografar tecidos e órgãos internos de pacientes, usando-se apenas uma gota de seus sangues como testemunho.



Ruth Drown, apesar de seus muitos feitos, foi perseguida nos Estados Unidos chegando a sofrer severas sanções do FDA (Food and Drug Administration), como foi o caso do confisco de seus equipamentos, etc. Aos 73 anos, vítima de uma armadilha, foi detida sob a acusação de charlatanismo, vindo a falecer na prisão em 1965 acometida de um ataque cardíaco, certamente, como consequência de um estado de forte depressão.

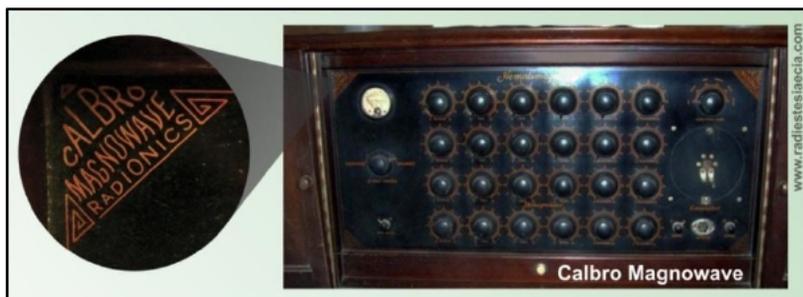


Essa verdadeira **câmara radiônica** foi patenteada na Inglaterra em 15 de dezembro de 1939, sob o número GB515866, com a descrição "*Método e meios para obtenção fotográfica de imagens da vida e outros objetos*". Ela pode ser obtida, **gratuitamente**, clicando-se em "*Patente câmara radiônica de Ruth Drown*".

Calbro Magnowave Company e suas máquinas radiônicas Pathoclast, Patho-Neurometer...

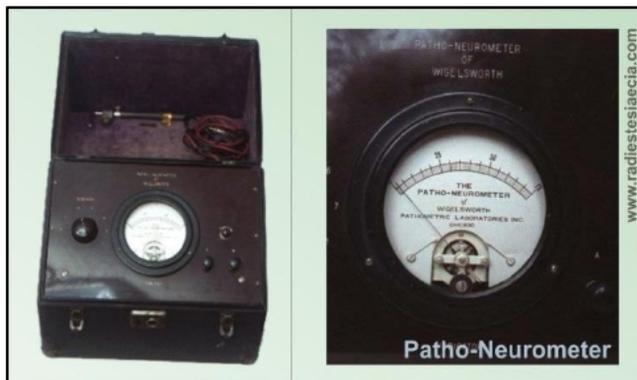
No século passado, no início dos anos 20, os aparelhos desenvolvidos pela **Calbro Magnowave Company**, fundada pelos engenheiros **Caldwell** e **Bronson**, insinuaram-se versões mais avançadas das máquinas de Abrams, ao ponto de

servir para múltiplas funções como para a elaboração de diagnósticos e/ou tratamentos.



Em 1926, **J. W. Wiggelsworth** com a colaboração de um engenheiro eletrônico fundou a **Pathometric Laboratories**, em Chicago, onde desenvolveu e comercializou suas primeiras máquinas radiônicas. Wiggelsworth procurou aperfeiçoar seus equipamentos, substituindo as bobinas de resistência das máquinas de Abrams por condensadores variáveis, o que melhorou muito a qualidade da afinação. Por conta disso, chegou a produzir diversas variações do **Pathoclast**, o aparelho que ficou mais conhecido por carregar a fama de ser *“uma máquina construída para tratar da saúde”*.

O equipamento mostrado abaixo é um **Patho-Neurometer**, provavelmente uma máquina para a realização de diagnósticos, já que os primeiros modelos de máquinas radiônicas lançados por Wiggelsworth eram produzidos separadamente, ou melhor, uma se propunha ao diagnóstico e outra aos tratamentos.



O Dr. J. W. Wiggelsworth lançou seu ultimo equipamento em 1940, cujo funcionamento consistia na captura das vibrações patológicas de um paciente, na ampliação dessas radiações e o retorno delas a origem, ou melhor, ao enfermo, seguindo a essência do principio desenvolvido por Abrams proposto nesse texto – *“radiações patológicas são anuladas por radiações com frequências que lhe sejam ressonantes”*.

Tratamento radiônico de plantações e as patentes de máquinas radiônicas



Como dito em *“O que é Radiônica?...”* os textos sobre radiônica seriam voltados para as questões que envolvessem as vibrações energéticas, no contexto da saúde. Contudo, nesse ponto, a radiônica ganha outra direção de especial importância, como é o caso do **tratamento radiônico de vegetais** mostrado, resumidamente, nos parágrafos a seguir.

A UKACO e o tratamento radiônico de plantações

Curtis P. Upton, engenheiro civil formado em Princeton, cujo pai tinha sido sócio de Thomas Edison, por volta do início dos anos 50, no século XX, tendo em mente os princípios de funcionamento das máquinas radiônicas desenvolvidas para tratar de seres humanos, associou-se a um ex-colega de Princeton, **Willian J. Knuth**, especialista em eletrônica, para desenvolver um misterioso equipamento. Esse equipamento era parecido com um receptor de rádio que se destinava a tratar de plantações, usando-se apenas uma fotografia aérea da área a ser tratada. Isso era feito, naquela época, nas plantações de algodão próximas de Tucson, colocando-se uma fotografia aérea do local a ser tratado, junto com um agrotóxico, em uma lâmina coletora ligada à base da máquina. Assim disposto, a máquina tinha seus diais ajustados em uma determinada posição.



Howard Armstrong, químico industrial, entusiasmado com os resultados obtidos com o “*tratamento radiônico de plantações*”, proposto por seus ex-colegas de Princeton, Upton e Knuth, resolveu testar a eficiência do sistema usando um de seus aparelhos radiônicos. Howard tirou uma fotografia aérea de uma plantação de milho, que havia sido atacada pelo besouro-japonês, recortou uma parte dela e a colocou junto a uma pequena porção de um pesticida - conhecido como rotenona - na lâmina coletora de uma máquina radiônica de Upton. Para seu espanto, após regular o diais da máquina em uma posição específica e usá-la para

tratamentos diários de cinco a dez minutos, pôde constatar a eliminação de até noventa por cento dos besouros existentes, na parte da área mostrada na fotografia. A eliminação dos besouros não se repetiu na outra parte da fotografia que não recebeu tratamento.

Afinados com os princípios radiônicos **Upton, Knuth e Armstrong** se uniram, combinando suas habilidades e nomes para fundar a **UKACO** Incorporated – uma empresa que se especializou na construção de máquinas radiônicas agrícolas, que se propunham a aplicar nutrientes e pesticidas em vegetais, por via indireta.

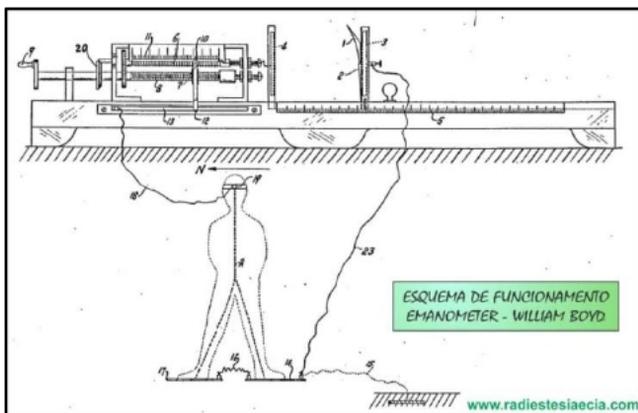
As máquinas radiônicas e suas patentes

Seguiram-se a Abrams inúmeros radionicistas de bastante expressão, cujas histórias foram recheadas de detalhes interessantes e que, por conta disso, merecem ser divulgadas. Contudo, assim não será feito nessa oportunidade, porque elas tornariam essa série muito extensa.

A título de registro e análise do real contexto em que se situa a radiônica pelo Mundo, serão citados a seguir alguns radionicistas e os principais dados dos registros das patentes de seus dispositivos radiônicos.

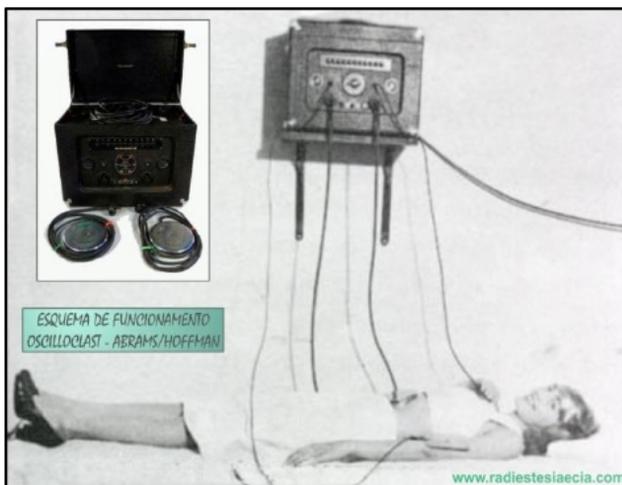
William Ernest Boyd (Patentes obtidas em 1923 e 1925)

Médico homeopata, nascido em Glasgow, na Escócia, obteve em 1923 a patente de seu equipamento radiônico na Inglaterra, sob o número GB198018. Essa patente recebeu o título ***“Instrumento para detecção e investigação de emanções provenientes de substâncias”*** e a descrição de ***“Emanometer, uma modificação do sistema de Abrams”***. Em 1925, registrou duas outras patentes alterando sua primeira patente sob os registros GB235926 e GB239457 e nelas propôs, inicialmente, a incorporação de um condensador variável e, por fim, um mecanismo para rastreamento metálico.



Samuel O. Hoffman (Patente obtida em 1923)

Engenheiro de São Francisco, Califórnia-EUA, obteve a patente **US1445951**, referente à máquina radiônica conhecida pelo nome de "**Oscilloclast**", citada em "*Uma máquina para tratar da saúde...*".



Arno Holzheimer (Patente obtida em 1927)

Obteve a patente de seu equipamento radiônico na Inglaterra, sob o número GB272023. Essa patente recebeu o título “**Dispositivo para testar as radiações provenientes de organismos**” e a descrição de “*Testes para determinar os requisitos de um testemunho radiestésico com diferentes conexões*”.

Arthur Whiting (Patentes obtidas em 1927 e 1929)

Obteve em 1927 a patente de seu equipamento radiônico no Canadá com o número CA272476. Essa patente recebeu o título “**Máquina para diagnosticar doenças**” e a descrição de “*Método eletrônico de diagnóstico e tratamento da doença*”. Em 1929 essa primeira patente foi aperfeiçoada na Inglaterra com a de número GB231539.

Lemonnier Henri-Eugene (Patente obtida em 1933)

Obteve na França a patente de um dispositivo radiônico com o número FR753090. Esse dispositivo recebeu o título de “**Dispositivo formador de um duplo artificial de um corpo para a emissão de radiação do corpo e aplicações diversas deste produto**” e a descrição “*Um dispositivo para capturar e copiar ondas para uso radiestésico*”.

Ruth Beymer Drown (Patente obtida em 1939)

Médica quiroprática, de Los Angeles-EUA, obteve na Inglaterra, a patente de um dispositivo que se assemelhava a uma verdadeira **câmera radiônica**, sob o número GB515866, com o título “**Método e meios para obtenção fotográfica de imagens da vida e outros objetos**”, conforme mostrado em “*As vibrações das doenças e a radiônica*”.

Douglas Walter Atkinson (Patente obtida em 1949)

Obteve na Inglaterra, a patente de um dispositivo sob o número GB626396, com o

título **“Um novo e melhorado aparelho para uso no estudo e na prática da radiestesia”** e com a descrição *“Dispositivo que utiliza um feixe de luz projetada através de um prisma sobre uma superfície orientada. Uma porção de sangue sobre uma lâmina, quando colocada entre a fonte de luz e o prisma altera a posição do espectro projetado, o que pode fornecer informação de utilidade médica. Pode ser utilizado em conjunto com outros aparelhos radiestésicos”*.

Outras patentes de máquinas radiônicas



Em contribuição a análise dos processos radiônicos e dando continuidade ao título *“As patentes de máquinas radiônicas”*, serão citados a seguir mais alguns radionicistas e os principais dados das patentes de seus dispositivos radiônicos.

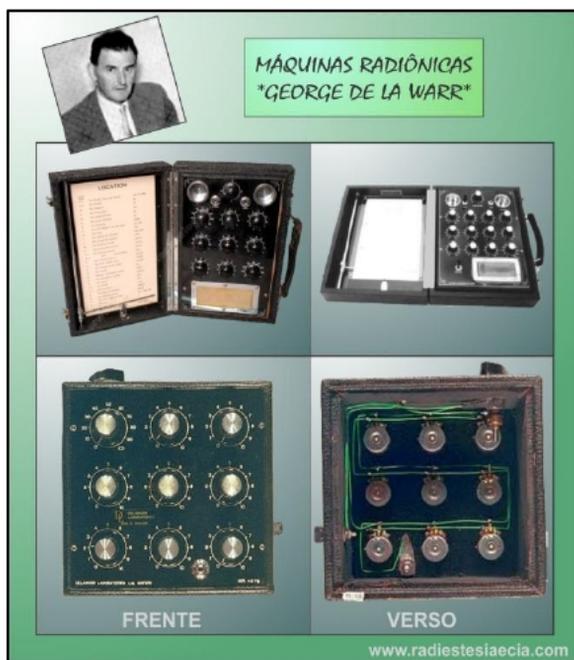
Thomas Galen Hieronymus (Patentes obtidas em 1949 e 1952)

Engenheiro electricista, nascido nos EUA, obteve em 1949 a patente de seu equipamento radiônico nos Estados Unidos e Inglaterra, com os números US2482773 e GB663978 (1952; versão reduzida), respectivamente. Essas patentes receberam o título **“Detecção de emanações a partir de materiais e medição de seus volumes”** e foram descritas como *“Um dispositivo eletrônico ajustável para detectar os elementos químicos usando-se em uma placa táctil para determinar as configurações”*.



George de La Warr (Patentes obtidas em 1955, 1956 e 1967)

Engenheiro Civil, nascido no norte da Inglaterra, obteve em 1955 a patente de seu equipamento radiônico na França, sob o número FR1084318. Essa patente recebeu o título **“Melhorias na busca de uma radiação fundamental”** e foi descrito como **“Câmera radiônica Delawarr”**. Nesse mesmo ano, De La Warr patenteou outro equipamento na Inglaterra sob o número GB741651, com o título **“Aparato terapêutico”** que foi descrito como **“Colorscope”**. Em 1956, outra patente foi registrada na Inglaterra, sob o número GB761976, com o título **“Aparato terapêutico”** e com a descrição **“Uma versão mais simples do Colorscope utilizando espirais e uma lâmpada de infravermelho”**. Por fim, De La Warr, em 1967, registrou na Inglaterra a patente número GB1063871, com o título **“Relativas melhorias de um aparelho gerador de multi-freqüências”**, com a descrição **“Aparelho para gerar um sinal complexo de multi-freqüências para o diagnóstico e/ou tratamento de doenças”**.



Thomas Bernard Orton (Patente obtida em 1955)

Obteve na Inglaterra, a patente de um dispositivo radiônico sob o número GB735290, com o título ***“Melhorias em aparelho elétrico para o tratamento das doenças”*** e a descrição ***“Aparelho para tratamento curativo de doenças por radiação de alta frequência de energia elétrica a partir da terra. Usa-se testemunho e podem ser adaptadas para o tratamento direto ou à distância”***.

Schenk Charles e Lebedeff Eugene (Patente obtida em 1963)

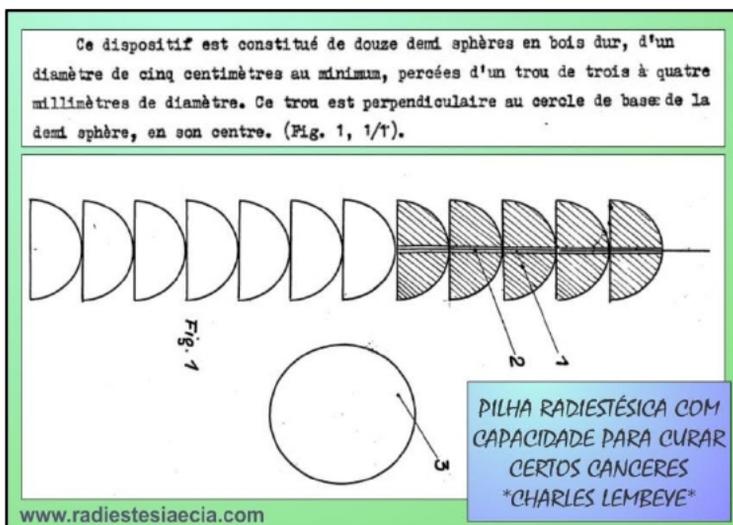
Obtiveram na França a patente de um dispositivo radiônico sob o número FR1347133, com o título ***“Transmissão à distância das propriedades de uma substância por meio de um projetor”*** e a descrição ***“Um dispositivo para transmitir propriedades das substâncias, por exemplo, soluções para um alvo distante”***.

Gilbert L. J. Degueldre (Patente obtida em 1965)

Obteve na Bélgica, a patente de um dispositivo radiônico sob o número BE672410, com o título **“Oscilador: sensor - capacitor – amplificador. Emissor dielétrico de ondas de radiação estudadas em radiestesia e usadas em radiônica”** e a descrição **“Um dispositivo para captura de ondas para a emissão e amplificação de transmissões radiestésicas”**.

Charles Lembeye (Patente obtida em 1986)

Obteve na França, a patente de um dispositivo radiônico sob o número FR2572289, com o título **“Dispositivo com a capacidade de curar certos cânceres”** e a descrição **“Este dispositivo consiste em doze semiesferas em madeira dura com um orifício por onde é enfiada uma tira de couro. Uma anilha de couro é colocada sob a pilha assim constituída”**.



Bage James Bartley (Patente obtida em **1991**)

Obteve na Inglaterra, a patente de um dispositivo radiônico sob o número GB2236647, com o título “***Câmera radiônica eletromagnética***” e a descrição “*Câmera radiônica incorporando um sensor infravermelho*”.

Cherdron Egon (Patentes obtidas em **1993** e **1994**)

Obteve na Alemanha, em **1993**, a patente de um dispositivo radiônico sob o número DE4204709, com o título “***Normalização de estados de energia dos sistemas biológicos, órgãos ou glândulas – usando-se duas fases de tratamentos com a aplicação de dose controlada de radiação bio-efetiva para corrigir desvio da atividade normal***” e a descrição “*Utiliza Copen Mk 5 (ou outro) instrumento radiônico para determinar o desvio a partir de estados ótimos de energia orgânica. Tratamentos com tempo limitado com doses de radiação bioenergética até a obtenção do desvio zero*”. Em 1994, obteve na Alemanha a patente DE4308523 com o título “***Método para a otimização permanente de estados bioenergéticos***” e a descrição “*Uso de Computador Copen Mk5 para análise radiônica voltada para detectar e eliminar raios bioenergéticos positivos ou negativos no ambiente humano*”.

Giambattista Callegari (Patente obtida em **2010**)

Obteve na Europa, a patente de um dispositivo radiônico sob o número WO2010/058436, com o título “***Dispositivo para a realização de análises, pesquisas e experimentos em entidades físicas orgânicas e inorgânicas usando seu campo eletromagnético***” e a descrição “*Dispositivo radiônico usando dois circuitos oscilantes*”.



Preparando o caminho para entendimento dos processos radiônico e radiestésico



Relatou-se em anteriormente o registro, título e a descrição de 24 patentes envolvendo aparatos radiônicos, sendo parte delas de autoria de indivíduos com respeitável formação acadêmica e prestígio profissional. Somado a isso, supõe-se que os registros dessas patentes tenham se efetivado observando-se uma série de exigências por parte dos países que as acolheram. Além disso, como é de domínio público, a utilização de máquinas radiônicas tem a seu favor inúmeros relatos dando conta de sua “*eficiência*”, o que sugere que esses aparatos têm uma natureza muito mais complexa do que mostram seus aspectos construtivos. Contrariamente, sob o ponto de vista da eletroeletrônica e mecânica tradicionais, as configurações dessas “*máquinas*” não se mostram compatíveis com a lógica racional, estabelecendo uma contradição com sua “*eficiência*”.

Ressalta-se que as máquinas radiônicas sempre tiveram estreita ligação com seus utilizadores, evidenciando que seus resultados dependem das habilidades psíquicas deles, para a manipulação de energias que se supõem de natureza “*Psi*” – a vigésima terceira letra do alfabeto grego, um termo genérico para designar todo o campo paranormal.

O conhecimento com esse caráter, tratando de fenômenos não observados pela ciência oficial, como acontece com utilização de máquinas radiônicas, durante séculos e prudentemente, foi mantido em segredo por aqueles que os detinham, pois se acreditava que esse “*saber*” poderia ter uma destinação indevida. Todavia, essa opinião sobre o “*saber*” nunca foi compartilhada por todos o que, além de preservar, estimulou o aumento de sua divulgação, até que a tecnologia chegasse ao campo “*Psi*”. Assim, no início do século passado, juntou-se o apoio tecnológico, esse “*saber*” e os potenciais psíquicos de certos indivíduos – aqui denominados radiônicos – para desenvolver o que se conhece como radiônica.

Antes de iniciar o desenvolvimento de uma hipótese para explicar o fenômeno radiônico é importante dizer que a essa altura, por tudo que já se testemunhou nesse campo, não se pode negar os potenciais psíquicos do homem, mesmo que o

conhecimento e manipulação deles tenha destinação indevida. Minimizando esses riscos, sabe-se que o “operador” ou radionicista, como queiram, estabelece uma relação direta com seu “objetivo”, ou seja, o manipulador do aparato radiônico passa a fazer parte integrante de algo semelhante a um “circuito”, transmitindo e recebendo “influências” e colhendo os frutos de suas “intenções”, como será visto no final desse trabalho.

Construindo um caminho para o entendimento do processo radiônico

É praticamente impossível apresentar uma hipótese para explicar o processo radiônico, com o apoio da física quântica, sem relembrar resumidamente alguns achados dessa nova física e os principais conceitos sobre a constituição da matéria e seu entorno, como será feito respeitando-se a sequência de títulos a seguir:

1. O que é matéria e do que ela é composta
2. O que são os átomos e suas partículas elementares
3. A física quântica
4. O estado ondulatório da matéria - Tudo vibra!
5. O Campo de Energia Oscilante e a matéria – Uma contribuição para radiônica do físico Laércio Fonseca
6. O surgimento da matéria e da vida em um Campo de Energia Oscilante
7. A manifestação no Universo físico e em seus subuniversos
8. A interação da matéria e os eventos quânticos correlacionados
9. Como se estabelece a ligação com um “objetivo” na prática radiônica
10. A recepção e transmissão radiônica de influências no Universo físico
11. Considerações finais

O que é matéria e do que ela é composta

O homem, desde a antiguidade, tenta entender os fenômenos naturais de forma desvinculada de forças sobrenaturais e da religião, como fez o filósofo grego **Empédocles**, no século V a.C., quando imaginou que toda a matéria era constituída por quatro elementos: água, terra, fogo e ar. Importa dizer, que nem todos os filósofos da época tinham a mesma concepção da matéria, como era o caso de **Leucipo** e **Demócrito**, elaboradores da filosofia atômica, que defendiam a tese de que toda matéria era constituída por pequenas partículas indivisíveis,

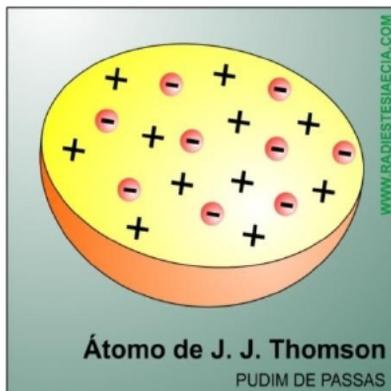
chamadas **átomos** e **vácuo**.

Atualmente a matéria é entendida como **“tudo que possui massa e ocupa um lugar no espaço”**, ou seja, possui volume e se constitui de partículas elementares com massa não nula, como é o caso da menor partícula que ainda caracteriza um elemento químico – o átomo.

Ainda, com relação à matéria, pode-se ter como certo que ela vibra, melhor dizendo, tem uma frequência vibratória e nada mais é do que **energia condensada**, cristalizada. Em uma linguagem mais técnica, isso pode ser visto na relação entre massa e energia ($E = m.c^2$), da teoria da relatividade de Einstein, no estado ondulatório da matéria proposto por Louis de Broglie, etc.

O que são os átomos e suas partículas elementares

O primeiro modelo atômico foi desenvolvido pelo cientista inglês **John Dalton** (1766-1844), em 1808, quando buscava explicar a constituição da matéria. Para Dalton a *matéria se compunha de pequenas partículas esféricas, maciças e indivisíveis*. Nesse rumo, conta à história que até o final do século XIX os cientistas acreditavam que toda matéria era formada por partículas muito pequenas, maciças e indestrutíveis – os átomos. Essa convicção só foi abalada, em 1897, pelo físico inglês **J. J. Thomson** (1856-1940) quando, depois de realizar vários experimentos, descobriu que **“os átomos eram divisíveis e constituídos por partículas menores”**. Também, em suas experiências, descobriu uma partícula com carga negativa denominada **“elétron”**. Thomson acreditava que os átomos eram eletricamente neutros; então, logicamente, o fato de eles terem em sua composição partículas com carga negativa – os elétrons - implicava na existência de cargas positivas, desde que o total de cargas positivas fosse igual ao de negativas. Para Thomson o átomo era maciço, esférico, descontínuo e se constituía em um fluido com carga positiva no qual se distribuíam os elétrons, tal como um *“pudim de passas”*.



Com a descoberta da radioatividade no final do século XIX, **Ernest Rutherford** (1871-1937) pôde usar uma partícula alfa (primeira letra do alfabeto grego = α) para bombardear uma placa de ouro e observar o grande número dessas partículas que a atravessavam. Assim, estudou a estrutura do átomo, o que lhe permitiu a criação de um modelo atômico semelhante ao sistema solar. Suas conclusões dividiram o átomo em duas regiões distintas, sendo uma central denominada núcleo, contendo praticamente toda massa do átomo, com cargas positivas – os **prótons** - e outra praticamente sem massa, envolvendo o núcleo de nome **eletrosfera**, apresentando carga negativa – os **elétrons**. A ideia de um modelo atômico semelhante ao sistema solar foi descartada, pois se constatou que isso não era possível, tendo em vista os espectros discretos emitidos pelo átomo, fato que não será explicado nesse texto por fugir ao seu escopo. Depois disso, em 1932, o físico britânico **James Chadwick** (1891-1974) descobriu a existência de partículas sem cargas no núcleo dos átomos, batizadas de **nêutrons**.

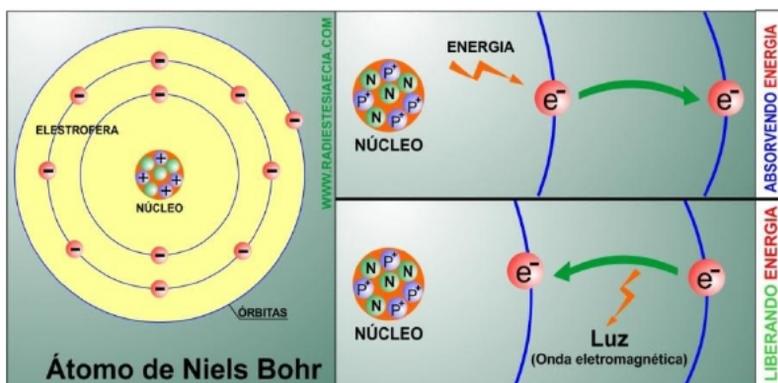
Em 1913, **Niels Bohr** criou um novo modelo atômico, conhecido no ensino básico como **Rutherford-Bohr** ou **átomo de Bohr**, relacionando a distribuição dos elétrons na eletrosfera com sua energia, como mostrado na figura a seguir. Bohr baseou seu modelo de átomo, nos seguintes postulados que serão citados a seguir apenas como referência para consultas:

- 1 - os elétrons descrevem órbitas circulares ao redor do núcleo do átomo;
- 2 - Em vez de infinitas órbitas, possíveis segundo a mecânica clássica, um elétron

se move apenas em uma órbita na qual seu movimento angular é múltiplo inteiro de $h/2\pi$ (constante de Planck $h = 6,63 \times 10^{-34}$ J.s, dividida por 2π).

3 - um elétron que se movimenta em uma dessas órbitas, apesar de estar constantemente acelerado, não emite radiações magnéticas, ou seja, o elétron apresenta energia constante;

4 - um elétron absorvendo energia salta para uma orbita mais energética e quando retorna a sua órbita original libera a mesma quantidade de energia, em forma de luz (onda eletromagnética).



No quarto postulado Bohr diz que quando um elétron salta para uma órbita de menor energia, ele libera um pacote de energia eletromagnética – um fóton (luz), o que induz a ideia da liberação de energia quantizada, tal como mostrado na figura acima, em “*Liberando energia*”. Atualmente, trata-se esse comportamento do elétron como **saltos quânticos**.

Nesse ponto pode se dizer que a matéria é na verdade composta de pequenas partículas elementares, como é o caso dos elétrons, prótons e nêutrons, com um considerável e aparente vazio entre elas.

A física quântica

Pode-se dizer que a física quântica é o segmento da física moderna que estuda os fenômenos físicos ao nível do microcosmo, do muito pequeno – dos átomos, elétrons, etc. Com o apoio dos achados de **Max Planck** ficou mais fácil entender o porquê do nome “*física quântica*”.

Planck, em suas pesquisas, percebeu que a troca de energia entre corpos se dava pela permuta de pacotes discretos entre eles, ou seja, em **pacotes de energia batizados de quanta**. Ele deduziu a relação entre a energia e a frequência da radiação, anunciando que a energia (E) era igual a uma constante (h =constante de Planck) multiplicada pela frequência (f), ou seja, $E = h \times f$. O artigo científico que apresentou essa constante a *Sociedade Alemã de Física*, deu início a uma grande revolução na física, marcando o ano de 1900 como o do nascimento da física quântica. Na verdade a física quântica só começou a se desenvolver depois de passados alguns anos da publicação desse artigo, com a **mecânica quântica de Schroedinger** e outros.

O estado ondulatório da matéria - Tudo vibra!

O físico **Louis de Broglie**, mencionado anteriormente em “*A radiação dos alimentos e a radiestesia*”, em sua tese de doutorado tratou do **estado ondulatório da matéria**, através da teoria de ondas de elétrons, que inclui a teoria da dualidade onda-partícula, baseada na teoria dos quanta proposta por Max Planck e Albert Einstein. Este trabalho abriu uma nova área na física conhecida como mecânica ondulatória, que constitui uma das principais bases da mecânica quântica – um segmento da física quântica.

Em resumo, Broglie estabeleceu que cada partícula material, por menor que seja, tal como o elétron, próton ou nêutron e até mesmo uma bola de futebol se associa a um comprimento de onda específico – a uma frequência vibratória - que governa seu movimento. Isso reforça a teoria da física quântica que trata da **dualidade onda-partícula**, que em síntese nos apresenta o comportamento dual da matéria, que ora pode ser observada como uma partícula rígida, tal como uma bola de bilhar, e ora como uma onda eletromagnética, como é o caso, grosso modo, das ondas de rádio, televisão, etc.

Enfim, tudo, **absolutamente tudo, vibra!** Têm uma frequência vibratória.

IMPORTANTE:

Vislumbrando-se as partículas elementares do átomo - prótons, nêutrons, elétrons -, a natureza ondulatória ou vibracional da matéria e as hipóteses da existência de “*Campos de Energias Oscilantes*” e “*Universos Quânticos Múltiplos*”, propostos pelo físico **Laércio B. Fonseca**, em seu livro “*Física Quântica e Espiritualidade*”, será apresentada a seguir uma hipótese básica para o entendimento do funcionamento dos processos radiônico e radiestésico.

O Campo de Energia Oscilante e a matéria - Uma contribuição para radiônica do físico Laércio Fonseca



Antes de tudo a definição de Campo precisa ser apresentada. Então, vejamos: - campo elétrico é um campo de forças acionado pela ação de cargas elétricas ou por seus sistemas; - campo magnético é a região do espaço onde se manifesta o magnetismo. Nessa linha, pode-se dizer que Campo de Energia é uma região do espaço onde atuam energias e seus sistemas.

Sobre os campos Einstein tinha como certo que eles eram a única realidade do cosmos e tratando deles escreveu:

*“Podemos então, considerar a matéria como sendo constituída por **regiões do espaço nas quais o campo é extremamente intenso**. Não há lugar, nesse novo tipo de Física, para campo e matéria, pois o campo é a única realidade”.*

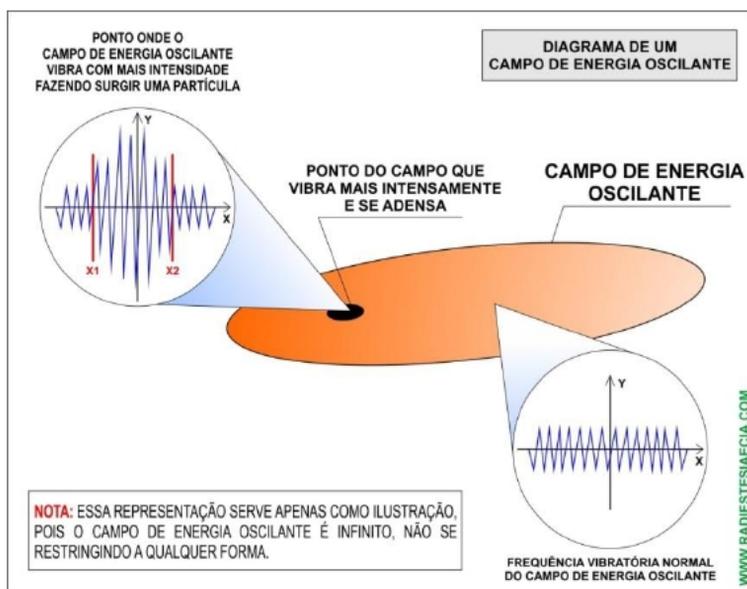
(The Philosophical Impact of Contemporary Physics, pág. 319 – M.Capek)

Einstein, também, considerava que **um fóton (luz) quando tratado como uma partícula era uma condensação de um Campo de Energia**, tal como uma radiação

eletromagnética é uma manifestação de um campo eletromagnético. Também, sobre os campos disse **Joseph Needhan**:

“A Física teórica moderna colocou nosso pensamento acerca da essência da matéria num contexto diferente. Ela desviou nosso olhar do que é visível – as partículas – para a entidade subjacente, o campo. A presença da matéria é simplesmente uma perturbação do estado perfeito do campo nesse lugar: algo accidental. Poder-se-ia dizer, um mero defeito. Assim, não existem leis simples que descrevam as forças entre as partículas elementares. A ordem e a simetria devem ser buscadas no campo subjacente”.

(Science and Civilisation in China, vol. 4, pág. 8-9)



Com base nisso, o físico **Laércio B. Fonseca** agregou ao Campo de Energia de Einstein - citado anteriormente - uma característica vibratória e, assim, desenvolveu a hipótese de “*Campo de Energia Oscilante*”, ou seja, presumiu que o Campo de Energia oscilava, vibrava e que **no ponto onde esse campo vibrava com**

mais intensidade se adensava, fazendo surgir uma partícula. Isso pode ser mais bem entendido vendo-se o diagrama acima, desde que se tenha em mente que o *“Campo de Energia Oscilante”* é infinito em todos os sentidos e tem sua própria frequência vibratória, só alterada nos pontos adensados pela amplificação de sua frequência - lugar onde surgem as partículas de matéria, como é o caso dos elétrons, prótons, nêutrons, fótons, etc. Laércio ressalta que as características ondulatórias desse campo, ao redor do ponto de adensamento - onde surge a matéria, teriam *“um valor mínimo, porém não zero”*, e que respeitariam as condições impostas pela equação de Schroedinger e da Mecânica Quântica.

Sobre o *“Campo de Energia Oscilante”* disse Laércio:

1 - *“... temos na verdade uma energia de campo que oscila, e que essa **energia de campo é a constituição básica do elétron**”.*

2 - *“Temos aqui o conceito de que **matéria ou o elétron é constituído apenas de Campo de Energia Oscilante e sua solidez é evidenciada onde a concentração ou intensidade de Campo de Energia Oscilante é maior (a amplitude da onda é maior)**”.*

3 - *“Podemos ver que o campo se estende até o infinito ao redor da partícula, ou no caso, o elétron, da mesma forma que para ondas de matéria de De Broglie”.*

NOTA: As formulações matemáticas a respeito o *“Campo de Energia Oscilante”* podem ser vistas no livro *“Física Quântica e Espiritualidade”*, do físico Laércio B. da Fonseca.

Dir-se-ia, também, que essa **energia de campo é a constituição básica de toda e quaisquer outras partículas, sendo a matéria prima responsável pelo surgimento da matéria** no Universo físico.

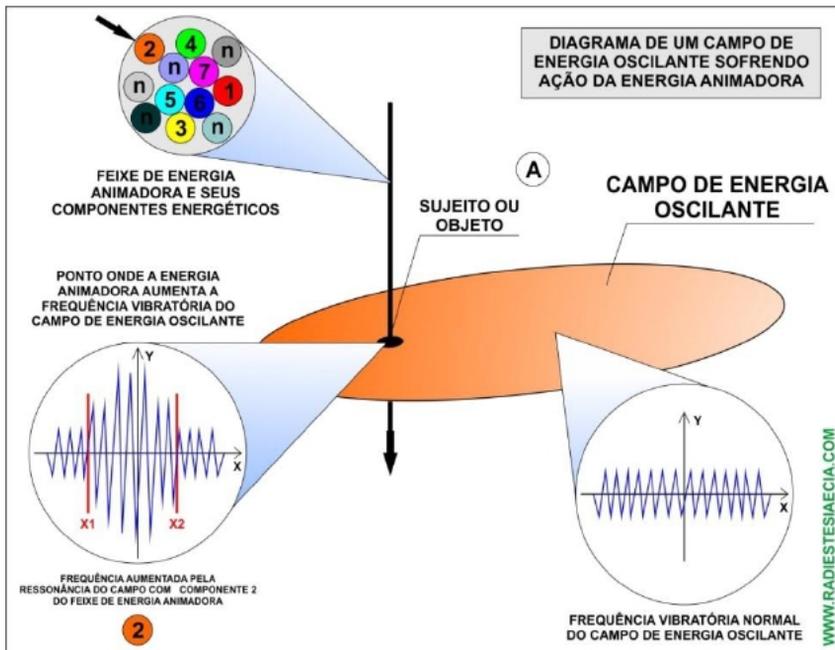
Agora, sabendo-se que a matéria é constituída de inúmeras partículas elementares, como são os elétrons, prótons, nêutrons, etc., e que ela surge pelo aumento da frequência vibratória em pontos de um *“Campo de Energia Oscilantes”*, fica a pergunta:

O que faz aumentar a frequência vibratória em pontos de um *“Campo de Energia Oscilante”*, ao ponto de adensá-lo fazendo surgir à matéria? Essa questão será tratada no título que segue.

O surgimento da matéria e da vida em um Campo de Energia Oscilante

Com base na hipótese do “*Campo de Energia Oscilante*” do físico Laércio, sabe-se que o adensamento ou perturbação vibratória de um ponto no “*Campo*” produz a materialização de elétrons, prótons, nêutrons, enfim átomos - ou matéria. Mas como se dá essa interferência, o aumento da frequência vibratória, enfim, esse adensamento do “*Campo*”?

Nesse ponto, indo além da hipótese do “*Campo de Energia Oscilante*” e tendo como certo que o Universo é permeado por uma Energia Animadora, ousa-se apresentar uma hipótese preliminar aquela que tratará, mais adiante, da manifestação da matéria e quem sabe da própria vida.



A matéria se manifesta quando algo semelhante a um feixe de Energia Animadora, contendo múltiplos componentes energéticos, toca um dado ponto de um “Campo de Energia Oscilante”. Em se tratando de um elétron, por exemplo, dir-se-ia que nesse momento acontece a “materialização” ou surgimento da partícula em questão. Quanto à energia animadora que viabiliza a “materialização”, ela seria para alguns a consciência divina ou cósmica, para outros, uma inteligência superior, etc.

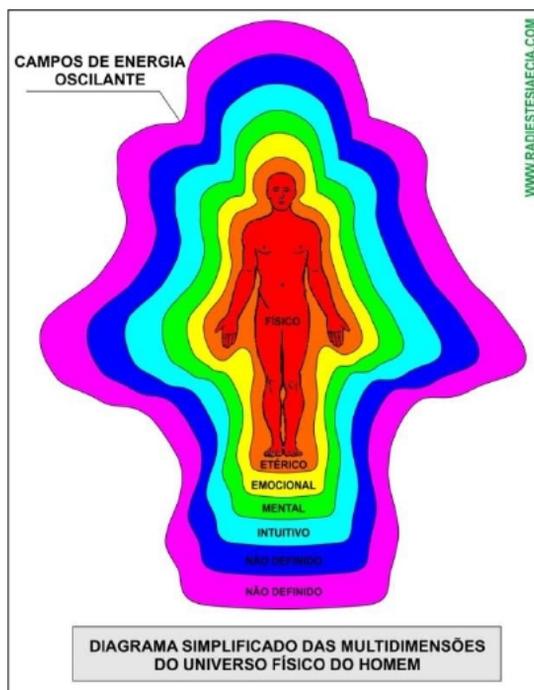
Figurativamente, vendo-se o diagrama acima, dir-se-ia que um dos componentes energéticos do feixe de Energia Animadora – nesse caso o indicado pelo componente energético número 2 (laranja) – entrou em ressonância com a vibração do “Campo de Energia Oscilante” (laranja), aumentando a amplitude de sua frequência e provocando nele um adensamento, a tal ponto que uma materialização fosse observada. O “Campo de Energia Oscilante” teve sua frequência aumentada em um dado ponto e o resultado foi o surgimento de uma partícula elementar – nesse caso o elétron, mas poderia ser outra como um próton, etc.

Reforçando, essa lógica pode ser usada para outras partículas além dos elétrons, como é o caso dos prótons, nêutrons, etc. Consequentemente, essa materialização se ampliará ao átomo, elementos químicos, enfim, a toda e qualquer manifestação seja ela de natureza material ou não. Em resumo, ver-se-á o surgimento da matéria.

A manifestação da matéria no Universo físico e em seus subuniversos

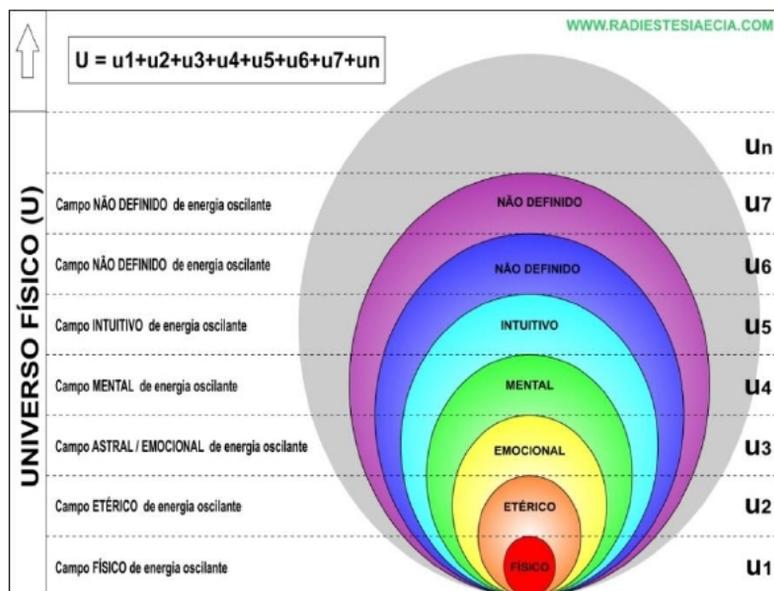
Quando se observa no homem as múltiplas reações às impressões que o afetam, percebe-se que sua constituição é muito mais complexa do que um simples corpo comandado pelo funcionamento do cérebro. Se o homem sente dor ao ser mordido por uma abelha, essa dor parece-nos ser produzida em um **campo de natureza física**. Por outro lado, se ele se emociona ao ver uma cena triste, essa emoção parece ser produzida em um **campo de natureza emocional**. Também, parece ser assim quando ele se dá conta de seus pensamentos, que parecem ser produzidos em um **campo de natureza mental** e, assim, sucessivamente. Contribuindo com esse ponto de vista, sugerem os ocultistas, esotéricos e algumas religiões que o homem tem vários corpos ou que se apresenta em múltiplas dimensões. Alguns sensitivos relatam observar no homem a existência de várias auras, cada uma delas representando a manifestação do homem em uma

dimensão, dizem eles mais sutil.



Sendo assim, apenas para mostrar o alcance da hipótese para explicar o processo radiônico, considerar-se-á o homem manifestando-se, simultaneamente, em múltiplos subuniversos ou dimensões, como se queira. **Isso não impede que essa hipótese fique restrita apenas ao universo físico**, se assim o desejar o leitor.

Nesse cenário, os múltiplos subuniversos ou dimensões serão constituídos por “*Campos de Energia Oscilante*” com funcionamento idêntico ao mostrado anteriormente e, também, esquematicamente como segue.



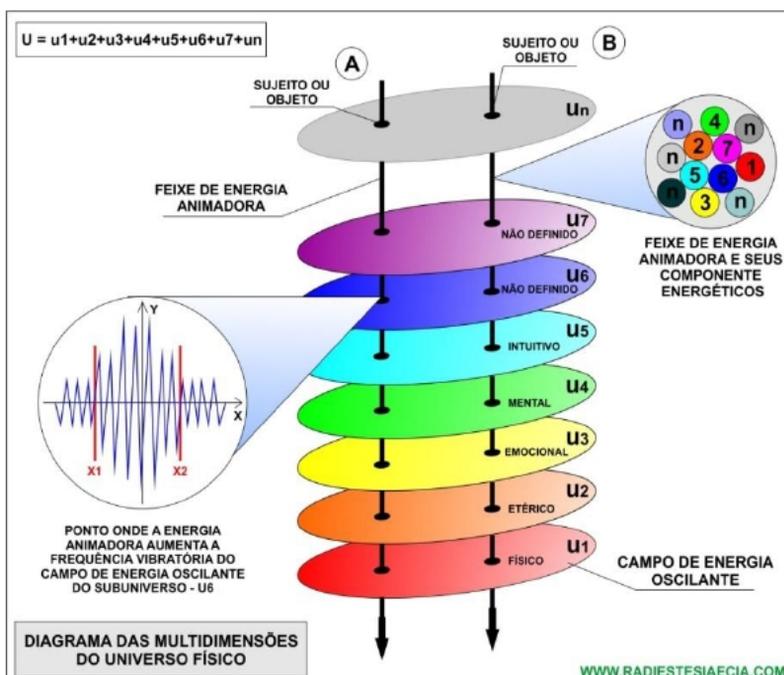
Na figura acima é mostrada a manifestação mais complexa do “Universo físico” – o homem, com uma representação simbólica e simplificada tal como sugerem grupos ocultistas e esotéricos, constituída de múltiplos subuniversos ou dimensões limitadas até o “Campo INTUITIVO de energia Oscilante”, para evitar conflitos de nomenclaturas. Os múltiplos subuniversos u_1, u_2, \dots, u_n , mostrados acima, quando somados representam o “Universo físico” e cada um deles é na verdade um “Campo de Energia Oscilante”, com características vibracionais próprias para a manifestação da partícula a qual estão vinculados. As manifestações físicas, menos complexas, limitam-se aos subuniversos mais densos, considerando-se que a **densidade de u_1 é maior que u_2 e sucessivamente**, como sugere a expressão $u_1 > u_2 > u_3 \dots > u_n$.

Por exemplo: a manifestação de uma rocha estaria restrita ao Campo FÍSICO de Energia Oscilante. Já a manifestação de um animal doméstico, apegado ao seu dono e emocionalmente desenvolvido, envolveria simultaneamente os Campos FÍSICO e EMOCIONAL de energia oscilante, etc.

É importante reforçar que para hipótese explicativa do processo radiônico, **não é necessário presumir a existência de múltiplas dimensões** representadas por

“Campos de Energia Oscilante”, como mostrado na figura que segue. Para aqueles que entendem as “manifestações materiais” limitadas ao plano físico, basta supor a existência de um único “Campo de Energia Oscilante”, que no caso deveria ser aquele que na figura a seguir chamou-se de Campo FÍSICO de Energia Oscilante, etc.

Essa lógica pode ser mais bem entendida visualizando-se a figura abaixo, que mostra um diagrama contemplando a existência de múltiplos subuniversos ou dimensões do universo físico, sendo cada uma delas um “Campo de Energia Oscilante”. Reafirma-se que a **suposição de múltiplos subuniversos, pode ser substituída pela de uma só dimensão ou quantas agradarem as crenças de cada um.**



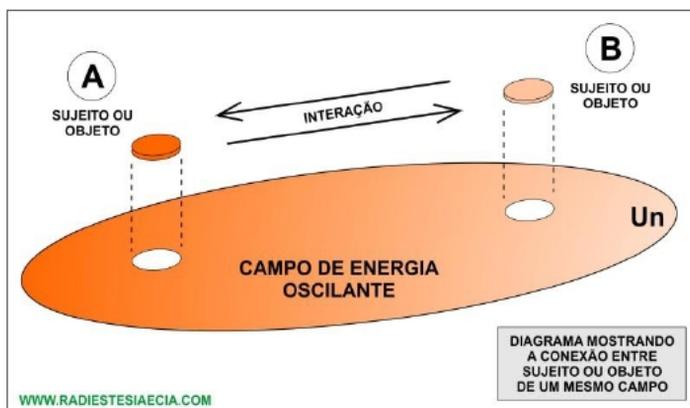
“Quando o objeto é excitado por algum agente externo em uma de suas

frequências naturais, dá-se à ressonância: o objeto vibra nessa frequência com amplitude máxima...”.

Na figura acima, todos os “*Campos de Energia Oscilante*” mostram-se interpenetrados, simultaneamente, por um feixe de Energia Animadora, contendo múltiplos componentes energéticos numerados de 1 a n. A Energia Animadora ao tocar um ponto em cada um dos planos produz neles uma interferência, que por ressonância amplia sua frequência vibratória, provocando o adensamento necessário à materialização desejada. Isso se dá, porque o feixe carrega, dentro de si, múltiplos componentes energéticos e um deles entra em ressonância com o “*Campo de Energia Oscilante*” que foi tocado.

Por exemplo: o Campo FÍSICO de Energia Oscilante de cor vermelha e marcado com U1 – subuniverso 1, sofre interferência da componente energética número 1 - vermelho, do feixe de Energia Animadora. Já o Campo ETÉRICO de Energia Oscilante de cor laranja e marcado com U2 – subuniverso 2, sofre interferência da componente energética número 2 – laranja, e assim por diante.

O “*Campo de Energia Oscilante*” é de suma importância para o entendimento da hipótese desenvolvida nesse trabalho, que visa explicar os fenômenos radiônico e radiestésico. Assim é dito, porque esse “*Campo*” evidencia a conexão entre todas as coisas. Afinal, se Einstein está correto ao afirmar que “*o campo é a única realidade*” - independente de ele oscilar ou não como supõe Laércio; então, tudo é parte da unidade - o “*Campo*”.



Por fim, veja-se o “*Campo de Energia Oscilante*” da figura acima com os “*sujeitos ou objetos*” destacados, como em A e B, manifestados pela interferência da Força Animadora, conforme já explicado. O primeiro, em “A”, tem a cor laranja escuro, o segundo em “B” tem a cor laranja claro e, apesar de terem cores diferentes, em comum tem a substância que os originou - o “*Campo*”. Logo, os “*sujeitos ou objetos*” A e B são uma única coisa - o “*Campo*”, ou melhor, são partes dele como em um quebra-cabeça ou constituintes de uma unidade.

A interação da matéria e os eventos quânticos correlacionados



Imagine-se, figurativamente, que se têm duas bolas de gude correlacionadas – melhor dizendo intimamente ligadas, uma delas na Terra e a outra na Lua. Estando elas realmente correlacionadas, se girarmos a que está na Terra no sentido horário sobre seu eixo vertical, a outra que está na Lua girará instantaneamente no sentido anti-horário sobre o mesmo eixo, sem que haja qualquer comunicação entre elas. Isso é o que os físicos chamam, grosso modo e no caso de partículas, de um **evento quântico**

com interação não local.

A maioria dos autores quando tratam dos eventos quânticos com interação não local, ou seja, quando se reportam a influência de uma partícula sobre outra, independente da distância que as separem no universo, fazem menção ao famoso paradoxo E-P-R, ao diálogo entre **Einstein** e **Niels Bohr**, aos achados de **David Bohm** e **Alain Aspect** e, ainda, ao entrelaçamento ou emaranhamento quântico. Contudo, não parece prudente nesse cenário, sobrecarregar o leitor com esse verdadeiro “*emaranhado*” de informações. Então, espera-se que a síntese que segue forneça o entendimento básico para o que se chama de interação fora do espaço-tempo einsteiniano, a “*interação quântica*”.

Segundo a física quântica as interações entre partículas correlacionadas - intimamente ligadas, ocorrem de forma instantânea, sem qualquer troca de sinais

entre elas, tal como ocorreu no exemplo acima com as bolas de gude. Pensando nisso, **David Bohm** propôs que se produzisse uma colisão entre dois elétrons de tal forma que ficassem correlacionados em sua polarização, ou seja, que tivessem suas flechas do spin (rotação) apontadas em sentido contrário. **Alain Aspect**, usando essa proposição e tipo de correlação com um par de fótons - partícula ou onda de luz -, provou que **“a medição efetuada em um único fóton afeta seu parceiro correlacionado, sem qualquer troca de sinais entre eles”**. Diante disso, pergunta-se:

Como uma partícula se comunica com sua contraparte a milhares de quilômetros de distância, sem qualquer troca de sinais entre elas e instantaneamente? Seria isso uma prova da inseparabilidade da matéria ou da unidade?

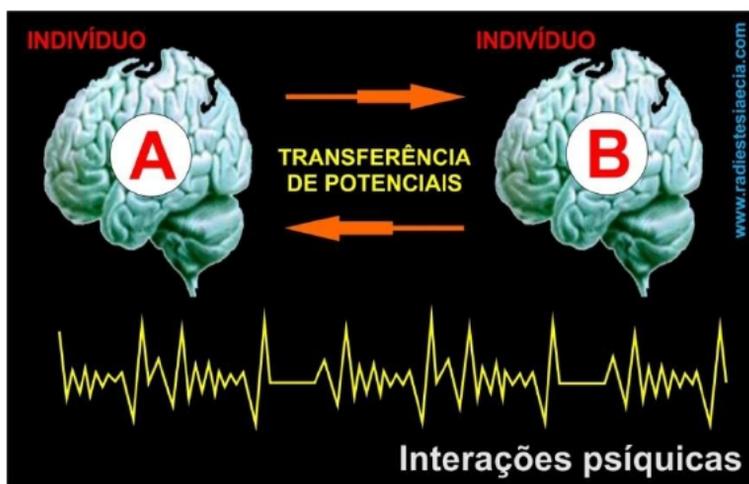
Segundo a teoria do **“Big Bang”**, no **“início de tudo”** o Universo estava infinitamente compactado - adensado e, desde então, vem se **expandindo** e resfriando; logo, é perfeitamente possível que todas as suas partículas estejam correlacionadas. Afinal, no **“início de tudo”** elas estavam muitíssimo próximas, por conta do adensamento da matéria, assim estão correlacionadas desde sua origem. Nessa linha de raciocínio, pode-se dizer que toda matéria e etc., está correlacionada, podendo interagir entre si, tal como interagiram as bolinhas de gude acima. Basta que se acione sua memória remota, como será mostrado a seguir.

É importante ter em mente que as partículas elementares da matéria, como são o caso do **elétron, etc., podem interagir entre si**, instantaneamente, independente da distância que as separem, desde que estejam correlacionadas, ou seja, desde que exista um vínculo entre elas. **Se as partículas podem interagir entre si e sendo elas os constituintes da matéria; então, a matéria pode interagir com a matéria – tudo pode interagir com tudo.**

Como se estabelece a ligação com um “objetivo” na prática radiônica

Desde meados do século XX, relatos de experiências cientificamente documentadas e desenvolvidas em alguns países, especialmente na antiga União Soviética, dão conta de **habilidades humanas que seriam equivalentes mentais aos eventos quânticos correlacionados** - melhor explicados anteriormente - como é o caso da telepatia. Nessa linha, recentemente, o neurofisiologista **Jacobo**

Grinberg-Zylberbaum desenvolveu um experimento provando interações psíquicas entre indivíduos, independente da distância que os separe. Tal experimento contou com a participação de duas pessoas que foram convidadas a interagir entre si, até que se estabelecesse uma “*sintonia*” entre elas. Depois disso, foram colocadas em compartimentos totalmente separados e isolados, protegidos com uma gaiola de Faraday, para impedir a transmissão de quaisquer sinais eletromagnéticos entre elas. Ambas, em seus respectivos compartimentos, foram conectadas a um equipamento de Eletroencefalografia. Então, sem que a outra soubesse, uma delas foi submetida a um sinal luminoso, piscando em uma determinada frequência, de tal forma que se obtivesse uma resposta eletrofisiológica, medida em um eletroencefalograma. Assim feito, constatou-se que a pessoa não submetida ao estímulo luminoso, apresentou resposta eletrofisiológica semelhante em força e forma ao indivíduo estimulado, sem que fato semelhante se repetisse com os demais indivíduos do grupo de controle. Esse fato evidenciou a **transferência de potenciais, entre indivíduos correlacionados**.

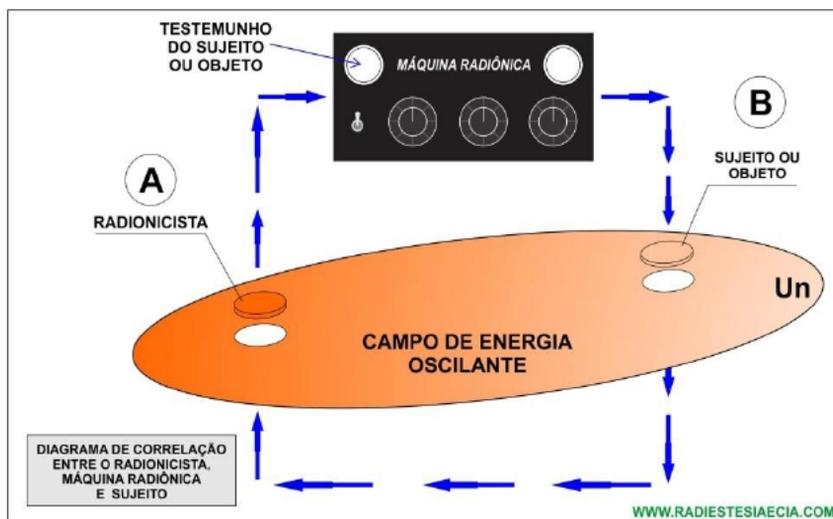


Assim visto, pode-se dizer que a primeira missão de um radionicista é conhecer as funcionalidades do equipamento que o ajudará em suas práticas. Com o domínio delas, depois de construir em seu entorno condições receptivas, ele pode intuir que caminhos percorrer para realizar seus intentos. Essa intuição se manifesta

com certa facilidade para os praticantes da radiestesia e para outros indivíduos com certa “*sensibilidade*”, desde que se coloquem mentalmente receptivos.

Dessa forma, seguindo esquema da figura abaixo, para estabelecer uma ligação com seu “*objetivo*” o radionicista - em **A**, vivendo uma condição receptiva, deve construir um vínculo com seu “*alvo*” – em **B**. Isso pode ser feito trabalhando-se “*afinidades*”, construindo-se trocas harmônicas entre as partes. Essa seria a forma de se interagir, por exemplo, com base no diagrama “*As multidimensões do Universo Físico*”, com um indivíduo ao nível do Campo FÍSICO de Energia Oscilante, onde a interação poderia ser feita fisicamente, pela fala, toque, etc. No Campo ETÉRICO de Energia Oscilante, a interação poderia ser feita pela proximidade, estando próximo e receptivo. No Campo EMOCIONAL de Energia Oscilante, ela poderia ser feita por afinidades emocionais compartilhando, mesmo que silenciosamente, as mesmas causas, paixões, etc. **No Campo MENTAL de Energia Oscilante – o mais usado por radionicistas e radiestesistas, a interação poderia ser feita usando-se o pensamento para formular ou imaginar a interação.**

Note-se que as disposições acima contemplam, também, as interações no campo da prática radiestésica.



Considerando-se que o radionicista em **A** e o “*sujeito ou objeto*” em **B**, na figura acima, são **uma única coisa - o “Campo”**, ou melhor, são partes dele como em um quebra-cabeça e que, além disso, a **matéria pode interagir com a matéria**, para se estabelecer uma ligação entre essas partes, basta proceder como segue.

Com o equipamento radiônico e o “*testemunho do sujeito ou objeto*” em seu compartimento de entrada, cria-se o vínculo correlacionado com ele, simplesmente **pensando no “sujeito ou objeto”**. Sempre, tendo em conta estar diante de uma amostra, cujo nível quântico é constituído de inúmeras partículas de elétrons, prótons, nêutrons, etc., pertencentes ao “*sujeito ou objeto*” - em **B**, que depois da interação, comportam-se como objetos correlacionados **A e B**. Somado a isso, se o vínculo correlacionado entre **A e B** for feito no Campo MENTAL de Energia Oscilante, a forma mais comum entre radionicistas e radiestesistas, os envolvidos estarão compartilhando de um mesmo “*Campo*”, ou seja, as partes **A e B** serão o próprio “*Campo*”, apenas individualizadas em pontos diferentes, como na figura acima.

Exemplificando, seria como se o leitor procurasse imaginar seu próprio pé para dar conta de sua existência, procurando perceber cada uma de suas sensações para lembrar que ele existe e integrá-lo ao seu corpo, de tal forma que sua consciência pudesse perceber com nitidez que ambos são uma coisa só - o corpo ou um “*Campo*”.

Sobre o “*Campo*” disse Einstein: “... Não há lugar, nesse novo tipo de Física, para campo e matéria, pois o campo é a única realidade”.

Estabelecida a sintonia ou correlação entre o radionicista - em **A** e o “*sujeito ou objeto*” - em **B**, algo semelhante aos eventos quânticos correlacionados, o operador fazendo uso do equipamento radiônico, deve procurar em seus diais os números que indicam as coordenadas do “*sujeito ou objeto*” – em **B**. Nesse processo a correlação se estabelece entre o radionicista – em **A**, seu equipamento radiônico e o “*sujeito ou objeto*” – em **B**, criando-se um circuito como sugerido pelas **setas azuis**, na figura acima. Assim feito, depois de estabelecida a **conexão** com o “*Campo MENTAL de Energia Oscilante*”, ela **se propaga por todos os demais “Campos” subjacentes, se existirem**.

Note-se que a natureza, sabiamente, sempre procura o equilíbrio, o melhor arranjo e ajuste para todos os sistemas e correlações. Um coração procura bater,

sempre que possível, em frequência que seja compatível com as exigências do sistema orgânico que irriga. Os ecossistemas, quando não sofrem interferências externas, sempre procuram o melhor arranjo, o equilíbrio. Assim, acontece com os ajustes dos diais de uma máquina radiônica, quando inserida em circuito correlacionado, como mostrado na figura acima. Seus diais se ajustam na melhor configuração e com o melhor arranjo numérico representativo da interação radionicista – em A, a máquina radiônica e “*sujeito ou objeto*” – em B.

Ainda cabe dizer que “*o pensamento, desencadeando a atividade cerebral e funcionando como um propulsor dos impulsos elétricos trocados entre neurônios...*”, sempre engendra mecanismos para viabilizar eventos correlacionados.

NOTA: Diferentemente do físico Laércio Fonseca, a “*Consciência*” não foi tratada nessa hipótese como um “*sujeito ou objeto quântico*”, porque se entende que as correlações mencionadas nesse texto entre “*sujeitos ou objetos*”, sejam eles animados ou inanimados, se dão por “*afinidades*”. A “*Consciência*” ou a “*Força Animadora*” está em todas as coisas, inclusive em cada uma das partículas elementares. Sendo assim, a correlação entre “*sujeitos ou objetos*” separados se dá com o conjunto de partículas de cada um deles, simultaneamente.

A recepção e transmissão radiônica de influências no Universo físico

Estabelecida a ligação radiônica com um “*sujeito ou objeto*” – em B, a recepção e a transmissão se dão pela circulação de influências pelo circuito, mostrado pelas setas azuis no esquema acima. É como se o radionicista – em A e o “*sujeito ou objeto*” – em B, fossem um só, compartilhando de um mesmo “*Campo*”, com cada parte de seus corpos, ou pelo menos de suas mentes no caso de interações humanas, correlacionadas em sua polarização com suas flechas de spin (rotação) ora se movimentando em um sentido e ora em outro.

Na prática radiestésica o circuito apresentado na figura, não teria a máquina radiônica e, também, não se beneficiaria dos números que fixam as coordenadas do “*sujeito ou objeto*” – em B, no Campo de Energia oscilante. Sendo assim, a cada exercício do radiestesista, uma nova ligação com o “*sujeito ou objeto*” teria que ser estabelecida visando à obtenção da correlação desejada.

Por fim, ressalta-se que em todo o contexto radiônico e radiestésico o que prevalece é a “*vontade*” do operador, independente de quaisquer teorias para explicar esses fenômenos. Não a “*vontade*” confundida com um desejo qualquer, de natureza menor. Mas algo contundente, transformador, típico daqueles que não se deixam render – dos determinados. Esse é um atributo da personalidade - que quando devidamente desenvolvido - é capaz de feitos inenarráveis, porque funciona como um verdadeiro propulsor para quaisquer eventos, em quaisquer níveis. Sendo assim, os sentidos dos fluxos de influências dependem, principalmente, da “*vontade*” do operador.

Considerações finais

A inspiração para essa hipótese nasceu da necessidade de elevarmos a radiestesia e radiônica, para um patamar de entendimento mais técnico e menos cercado de contextos mágicos, com conotação depreciativa. Obviamente, que a ousadia dessa proposta provocará muita reflexão e até protestos daqueles que tiverem suas crenças perturbadas. Contudo, assim acontecendo, ela servirá para construir outro cenário para a discussão do assunto, mas sintonizado com contextos científicos.

Agradecemos a todos os autores que contribuíram para esse trabalho, em especial os que não puderam ser identificados.